



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

MATEUS PILONI

**CONTRIBUIÇÕES DA BOLSA REMUNERADA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E
PROFISSIONAL DE BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: UM ESTUDO NA
UDESC OESTE**

CHAPECÓ

2019

MATEUS PILONI

**CONTRIBUIÇÕES DA BOLSA REMUNERADA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E
PROFISSIONAL DE BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: UM ESTUDO NA
UDESC OESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Tatiane Silva Tavares Maia

CHAPECÓ
2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Piloni, Mateus

CONTRIBUIÇÕES DA BOLSA REMUNERADA NA FORMAÇÃO
ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE BOLSISTAS DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA: UM ESTUDO NA UDESC OESTE / Mateus Piloni. --
2019.

76 f.

Orientadora: Doutora Tatiane Silva Tavares Maia.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Administração, Chapecó, SC , 2019.

1. Iniciação Científica. 2. Bolsista. 3. Desafios e
Oportunidades. I. Maia, Tatiane Silva Tavares, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

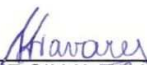
MATEUS PILONI

**Contribuições da bolsa remunerada na formação acadêmica e profissional
de bolsistas de iniciação científica: um estudo na UDESC/Oeste**

Trabalho de Conclusão do Curso de Administração apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharelado em Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

Orientador (a) Prof.(a) TATIANE SILVA TAVARES MAIA – UFFS

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca na data de:
24 de Junho de 2019.



TATIANE SILVA TAVARES MAIA – Doutora



EMERSON MOISÉS LABES – Mestre



ANDREA BENCKE ZAMBARDA – Mestre

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo que já superei e alcancei na vida.

Ao meu pai, Mário e aos meus irmãos, Avaci, Delcione e Leandro, que sempre acreditaram no meu potencial e apoiaram meus anseios. Agradeço infinitamente a minha mãe, Antônia (*in memoriam*) que me deu a vida, e por ter me aconselhado a seguir esse caminho, no dia em que pedi seus conselhos para iniciar minha trajetória no curso de Administração da UFFS.

A minha namorada Eduarda, que em todos os momentos sempre esteve ao meu lado, apoiando-me e passando energias positivas.

Agradeço a minha orientadora, professora Tatiane, por ter aceitado o desafio e acreditado na minha ideia desde o princípio. Agradeço ainda, pela prestatividade, atenciosidade e por sempre estar disposta a orientações e conversas, e também por toda a dedicação e incentivo a mim prestados.

Também gostaria de agradecer a UDESC Oeste, pela oportunidade de estagiar na instituição, especialmente aos servidores do Departamento de Direção de Pesquisa e Pós-Graduação, na qual permaneci por dois anos.

Gostaria de agradecer ao professor Cleuzir, servidor da UDESC, pelos ensinamentos a mim repassados e também evindencio sua persistência em busca de uma universidade cada vez melhor. Agradeço muito a Joana, servidora da UDESC, por ser tão prestativa e gentil comigo, e por não medir esforços quando necessitei de sua ajuda. O apoio de vocês foi fundamental, durante o período que estive presente no departamento.

Agradeço muito aos estudantes da graduação e do mestrado em zootecnia da UDESC Oeste, que se dispuseram a participar da pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento do estudo, pois sem a colaboração de vocês nada disso seria possível.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas de graduação, Adriano, Gladson, Karine e Lucas, que sempre estiveram presentes e foram muito importantes nessa etapa da minha vida, começamos juntos e aqui estamos nós, finalizando mais uma caminhada.

Por fim, agradeço a todos os professores e a Universidade Federal da Fronteira Sul, por me propiciar viver momentos tão especiais ao longo dos últimos anos e por permitir ampliar meus conhecimentos.

A TODOS MEU MUITO OBRIGADO!

“Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha”

(Confúcio, pensador e filósofo chinês)

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso (TCC) abordou a temática referente à IC reconhecida nas universidades como uma atividade acadêmica desenvolvida por estudantes de graduação em diversas áreas do conhecimento, a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa com a finalidade de produzir conhecimento. A IC é uma importante ferramenta que possibilita aos bolsistas adquirir experiências acadêmicas e profissionais, assim como estimula ações de transformação na sociedade. O objetivo do estudo foi analisar de que forma a IC remunerada tem contribuído na formação acadêmica e profissional de bolsistas do curso de zootecnia da UDESC Oeste, como objetivos específicos: identificar o perfil dos participantes do programa de IC; verificar os motivos que levaram os participantes a se interessarem pela IC; analisar a percepção dos participantes sobre as contribuições da IC para sua formação. O problema de pesquisa se deu como a IC remunerada tem contribuído na formação acadêmica e profissional de bolsistas do curso de zootecnia da UDESC Oeste? A motivação para escolha do tema da pesquisa advém dos caminhos percorridos em minha trajetória acadêmica e profissional, com experiência por dois anos no setor de pesquisa e pós-graduação da UDESC Oeste. Quanto à abordagem metodológica utilizada, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, classificada quanto aos objetivos como descritiva e em relação aos procedimentos técnicos utilizados classificou-se como estudo documental, bibliográfico e de campo. A coleta de dados ocorreu através da utilização da técnica conhecida como grupo focal. Os entrevistados foram estudantes da graduação e do mestrado do curso de zootecnia da UDESC Oeste, sujeitos da pesquisa. A análise dos dados foi pautada na análise de conteúdo dos discursos, na qual seguiu os passos elaborados por Bardin (2016). Os resultados encontrados mostram o perfil dos participantes são jovens, que logo ao entrar na graduação já se inserem na pesquisa e permanecem por alguns semestres mostrando vários resultados positivos dessa experiência. São várias as motivações que fazem com que os estudantes busquem a IC, sinalizadas como: a remuneração, a paixão e a carreira. As contribuições em atuar como bolsista (IC) é uma importante ferramenta que possibilita aos estudantes adquirir experiências acadêmicas e profissionais e também estimula ações de transformação que vai além do contexto acadêmico à medida que o estudante desenvolve habilidades e competências, tornando-o assim mais preparado para os desafios pessoais e profissionais do futuro. Além disso, a bolsa recebida em razão da atividade é outro fator primordial aos estudantes, uma vez que os possibilita permanecer na universidade e também os ajuda a custear suas despesas pessoais. Foi possível evidenciar que dentro da IC, há desafios que precisam ser superados pelos bolsistas, porém, como observado na pesquisa, os desafios enfrentados podem se transformar em oportunidades de crescimento acadêmico e profissional aos estudantes.

Palavras-chave: Iniciação Científica. Bolsista. Desafios e Oportunidades. Contribuições.

ABSTRACT

This course conclusion work (CCW) addressed the thematic relative SI recognized in universities as an academic activity developed by undergraduate students in several areas of knowledge, from the development of a research project with the purpose of producing knowledge. SI is an important tool that enables scholarship holders to acquire academic and professional experiences, as well as stimulates transformative actions in society. The objective of the study was to analyze how the paid SI has contributed to the academic and professional formation of scholarship holders of the UDESC Oeste zootechnical course, as specific objectives: to identify the profile of participants in the SI program; check the reasons that took the participants to become interested in SI; analyze the participants' perceptions on SI's contributions for their formation. The research problem it occurred how the paid SI has contributed to the academic and professional formation of scholarship holders of the UDESC Oeste zootechnical course? The motivation to choose the research theme comes from the paths traced in my academic and professional career with experience for two years in the UDESC Oeste research and graduate sector. In terms of methodological approach used is characterized as a qualitative research, classified for objectives as descriptive and in relation to the technical procedures used was classified as a documentary, bibliographic and field study. Data collection occurred by technique known as the focal group. The interviewees were undergraduate and graduate students of the UDESC Oeste zootechnical course, subjects of the research. The analysis of the data was based on the content analysis of the speeches, in which he followed the steps developed by Bardin (2016). The results found show the profile of the participants are young, that soon when entering the graduation already they are inserted in the research and they remain for some semesters showing several positive results of that experience. There are several motivations that make the students search the SI, signaled as: the remuneration, the passion and the career. The contributions to act as a scholarship holders (SI) is an important tool that enables students to acquire academic and professional experiences and also stimulates transformational actions that go beyond the academic context as the student develops skills and competencies, making you more prepared for the personal and professional challenges of the future. Besides that, the scholarship received because of the activity is another primary factor for the students, once enables them to remain in the university and also helps them pay for their personal expenses. It was possible to show that within the SI, there are challenges that need to be overcome by scholarship holders, but, as noted in the research, challenges can become opportunities for academic and professional growth for students.

Keywords: Scientific Initiation. Scholarship Holder. Challenges and Opportunities. Contributions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da revisão sistemática da literatura realizada no portal Periódicos CAPES/MEC.....	18
Quadro 2 - Perfil dos estudantes de Graduação do curso de Zootecnia, participantes de IC.....	41
Quadro 3 - Perfil dos estudantes do Mestrado em Zootecnia, que participaram da IC.....	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Qualidades e habilidades necessárias ao pesquisador.....	29
Figura 2 - Mapa conceitual sobre os interesses dos estudantes pela prática da IC.....	49
Figura 3 - Mapa conceitual sobre as percepções dos estudantes em relação às contribuições da IC na formação.....	51
Figura 4 - Mapa conceitual sobre as percepções dos estudantes em relação às dificuldades encontradas na IC.....	55
Figura 5 - Mapa conceitual sobre as principais oportunidades encontradas na IC.....	61

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAPESC	Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina
G1 a G6	Participantes da Graduação
IC	Iniciação Científica
IES	Instituição de Ensino Superior
LANA	Laboratório de Nutrição Animal
MEC	Ministério da Educação
M1 e M2	Participantes do Mestrado
PAEX	Programa de Apoio à Extensão
PET	Programa de Educação Tutorial
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIVIC	Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica
PQ-DT	Produtividade em Pesquisa e Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico
PRAPE	Programa de Auxílio Permanência Estudantil
PROBIC	Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UDESC
SEPE	Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão
SIC	Seminário de Iniciação Científica
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAB	Universidade Aberta
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS.....	15
1.1.1 Objetivo geral	15
1.1.2 Objetivos específicos	15
1.2 JUSTIFICATIVA	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	17
2.2 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	20
2.2.1 Ensino, pesquisa e extensão	23
2.3 A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO.....	26
2.4 FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL	30
2.5 UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC	31
3 METODOLOGIA	34
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	34
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
3.3 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	36
3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
4.1 GRUPO FOCAL: PERFIL DOS PARTICIPANTES	41
4.2 PRIMEIROS PASSOS: ACESSANDO O MUNDO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 43	
4.2.1 Trajetória do Bolsista de Iniciação Científica	44
4.2.2 Consolidando as Motivações para Iniciação Científica	46
4.3 INICIAÇÃO CIENTÍFICA: GRANDE IMPULSIONADORA DA CARREIRA ACADÊMICA E PROFISSIONAL.....	50
4.3.1 As Contribuições da Iniciação Científica	50
4.3.2 Percepção do Bolsista: Desafios e Oportunidades na Iniciação Científica	54

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A - Instrumento de coleta de dados: roteiro do grupo focal.....	71
APÊNDICE B - Questionário com relação ao perfil dos participantes de iniciação científica aplicado aos estudantes da graduação.....	72
APÊNDICE C - Questionário com relação ao perfil dos participantes de iniciação científica aplicado aos estudantes do mestrado.....	73
APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	74
APÊNDICE E - Roteiro de observação participante.....	75

1- INTRODUÇÃO

Para iniciar os estudos acerca das contribuições acadêmicas e profissionais das bolsas remuneradas de iniciação científica (IC), faz-se necessário apresentar uma breve introdução, abordando o tema, contextualizando-o, delimitando o problema de pesquisa, os objetivos do estudo, e por fim, a justificativa.

A IC em sua essência é uma forma de produzir conhecimento, sendo desenvolvida geralmente por estudantes de graduação de universidades públicas e privadas. Dentro do ensino superior ela pode ser entendida sob duas perspectivas. A primeira seria em relação às experiências de quem a desenvolve e também contribuições para a formação científica. Na segunda perspectiva pode-se defini-la como o desenvolvimento de um projeto de pesquisa elaborado e realizado sob orientação de um docente da universidade, executado com ou sem bolsa remunerada pelos estudantes (MASSI; QUEIROZ, 2015).

Tendo geralmente, acompanhamento de um professor orientador, a IC pode ser desenvolvida em qualquer área do conhecimento, na qual os estudantes desenvolvem seus estudos. Sabe-se que o ensino superior em nosso país tem enormes ganhos com o desenvolvimento de “trabalhos” advindos da IC. Ramos (2009, p. 21) aponta que “Não há mais fronteiras para a educação: avanços na área educacional e na área tecnológica promovem mudanças que estão redefinindo os rumos das instituições”. Nesse sentido a educação superior é direcionada a assumir novos compromissos e responsabilidades, sendo que deve estar sempre em constante aprimoramento.

Na busca do desenvolvimento, a educação tem uma grande parcela de contribuição, pois fomenta o conhecimento, no sentido de desenvolver as pessoas. De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (2018, on-line) “Para desenvolver um país é necessário desenvolver pessoas: elevar o patamar de informação disponível e prover a população de conhecimentos básicos de ciência e tecnologia, porque esses conhecimentos são centrais hoje em dia”. Percebe-se assim o quão fundamental a pesquisa é para o crescimento do país e para o desenvolvimento do profissional pesquisador, sendo que a IC é a porta de entrada disso tudo.

As universidades desempenham papel fundamental quanto ao incentivo para a pesquisa, pois oferecem os instrumentos necessários para que os estudantes desenvolvam a criatividade e a inovação. Por meio desses incentivos ocorre a produção do conhecimento, o qual molda o ambiente em que estamos inseridos. Conforme Ramos (2009), as universidades

são as responsáveis por grande parte da pesquisa científica que o Brasil produz. Cabe ressaltar que IC é fomentada por órgãos de pesquisa como o CNPq e a FAPESC, sendo adotada por inúmeras instituições de ensino.

Tratando-se especificamente da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, essa detém edital de pesquisa interno e também conta com edital ligado ao CNPq e a FAPESC. Os recursos financeiros visam à manutenção do estudante na universidade. Isso provoca o engajamento do mesmo nas atividades ligadas ao desenvolvimento do estudo científico.

Além de contribuir com o desenvolvimento acadêmico, a IC também almeja a qualificação profissional do bolsista. Lord (2014) enfatiza que a extensão e a pesquisa assumem papel relevante para a melhoria do ensino e também do profissional. A importância de se fazer pesquisa vai além da vida acadêmica. O autor ainda complementa que as dificuldades encontradas na pós-graduação, são pelo fato da carência da pesquisa, que é tão importante ao trabalho do profissional no mercado ou setor público, licenciatura ou bacharelado. Experiência extraclasse, como a pesquisa, influencia no desenvolvimento do estudante, sendo que é algo inerente há a vida do pesquisador.

Atuando como instituição acolhedora de programas voltados a IC, a UDESC, proporciona aos estudantes oportunidades de crescimento, aperfeiçoamento acadêmico e profissional. Sendo que a instituição tem como missão produzir, sistematizar e aplicar o conhecimento nos vários campos do saber através do ensino, pesquisa e extensão. A visão e os valores, que a competem dizem respeito a ser uma universidade pública e inovadora, tendo o comprometimento para com a sociedade em atuar como agente de transformação social.

Diante desse contexto, visando constatar as contribuições da bolsa remunerada na formação acadêmica e profissional dos bolsistas de IC do curso de zootecnia da UDESC Oeste, tem-se a seguinte pergunta norteadora da pesquisa: **Como a iniciação científica (IC) remunerada tem contribuído na formação acadêmica e profissional de bolsistas do curso de zootecnia da UDESC Oeste?**

1.1 OBJETIVOS

Nessa subseção são apresentados os objetivos, tanto geral como os específicos, com o propósito de elucidar o problema de pesquisa. Primeiramente é apresentado o objetivo geral e posteriormente os objetivos específicos.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar de que forma a iniciação científica (IC) remunerada tem contribuído na formação acadêmica e profissional de bolsistas do curso de zootecnia da UDESC Oeste.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar o perfil dos participantes do programa de iniciação científica;
- b) Verificar os motivos que levaram os participantes a se interessarem pela iniciação científica;
- c) Analisar a percepção dos participantes sobre as contribuições da iniciação científica para sua formação.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa de um estudo trata-se de apresentar razões para sua existência. É necessário justificar o estudo sob três aspectos, que são: sua importância, oportunidade e viabilidade (ROESCH, 2012).

O presente trabalho se mostra importante pelo fato que a o acesso a IC proporciona melhorias tanto para a educação superior no Brasil como qualifica profissionalmente o acadêmico. Além de contribuir profissionalmente, a IC prepara o estudante para uma possível continuação na vida acadêmica.

Dessa forma, compreender as contribuições advindas aos acadêmicos torna o estudo importante, pois é um recurso público que é investido na educação em prol de melhorias, que devem ser revertidas para a sociedade. Tudo isso visando aperfeiçoar as condições de vida, por meio do desenvolvimento de práticas originadas durante a IC.

Do mesmo modo o estudo é valioso para a UDESC Oeste, pois entrega uma devolutiva a instituição acerca das bolsas remuneradas, oferecidas aos acadêmicos do curso de zootecnia. Ajudando assim a esclarecer a importância da bolsa remunerada para a permanência e manutenção do estudante na educação superior.

Cabe ressaltar que há poucos estudos entorno das contribuições na formação acadêmica e profissional dos estudantes que desenvolvem a IC em instituições públicas, que adotam tais programas. Nesse âmbito, o presente estudo analisou a importância da IC para a formação acadêmica e profissional dos estudantes de zootecnia, ou seja, não se limitando às contribuições da pesquisa para o desenvolvimento acadêmico (ensino, pesquisa e extensão).

A UDESC apresenta uma política de distribuição de bolsas para os estudantes que querem desenvolver atividades como bolsistas de IC. Para que os professores sejam contemplados e os estudantes usufruam das bolsas, o processo seletivo é concorrido e conta com diversas etapas. Os estudantes recebem as bolsas, cujo recursos são advindos da UDESC e do CNPq durante o período de um ano.

Desde 2015 a UDESC conta com um programa (Plataforma da pesquisa) para fazer a gestão do processo seletivo de bolsas. Nos últimos três anos houve um aumento no número de projetos de pesquisa e de bolsas para o centro da UDESC Oeste, especialmente para o cursos de zootecnia. Fazer uma análise dos impactos que as bolsas refletem na vida acadêmica e profissional dos bolsistas é importante para justificar a prioridade na distribuição de recursos públicos. Como também para auxiliar os gestores a administrar melhor o processo seletivo de bolsas e divulgar esse conhecimento para toda a comunidade acadêmica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico apresentado a seguir, trata da revisão bibliográfica e da contextualização do tema estudado. Neste capítulo será apresentado o referencial teórico, que serve de base para a construção do conhecimento. Primeiramente apresenta-se a revisão sistemática da literatura, abordando os estudos relevantes ao tema. Na sequência são apresentados os conceitos que orientam as discussões acerca do ensino superior no Brasil, englobando os três pilares da educação superior, ensino, pesquisa e extensão, conseqüentemente a IC, formação acadêmica e profissional dos estudantes participantes da IC, e por fim retrata-se a Universidade do Estado de Santa Catarina a UDESC.

O contexto que fundamenta esse estudo possibilitará uma maior compreensão sobre tais tópicos, bem como servirá para a posterior análise dos dados coletados e atuará como norteador para as conclusões a respeito da pesquisa. Ressalta-se a importância do referencial teórico, pois servirá de embasamento para o trabalho como um todo.

2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

A revisão sistemática de literatura é um método abrangente que visa identificar todos os estudos relevantes de um determinado tema para responder a uma questão específica. Ela tem por objetivo analisar os estudos com a intenção de obter conclusões, sobre o que é válido ou não. De acordo com Sampaio (2007), a revisão sistemática é particularmente útil para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinado tema, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes.

Assim como qualquer outra investigação científica, uma boa revisão sistemática requer uma pergunta ou questão bem formulada e clara (SAMPAIO, 2007). A pergunta norteadora da pesquisa na qual o presente estudo foi embasado é: dos estudos relacionados à IC, instituições públicas e possíveis contribuições, quais são os principais autores, sua vinculação, ano de publicação das obras, objetivos e principais resultados alcançados.

A consulta foi executada entre os dias 20 e 21 de outubro do ano de 2018 e foram indexadas as palavras-chave: iniciação científica e instituições públicas, bolsistas e contribuições e por fim os temas iniciação científica e formação acadêmica. A partir da busca na base de dados no portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior e do Ministério da Educação (CAPES/MEC), incluiu-se a pesquisa avançada com os seguintes critérios: artigos, idioma português e posterior artigos revisados por pares, a

fim de possibilitar uma melhor análise. Foram listados os artigos que havia coesão com as palavras-chave incluídas e, dentro dos critérios estabelecidos, houve a leitura dinâmica do título e, havendo ligação com o tema central da pesquisa, lia-se o resumo para averiguar a conexão com o tema investigado.

No quadro abaixo se apresenta um apanhado da revisão sistemática:

Quadro 1 - Etapas da revisão sistemática da literatura realizada no portal Periódicos CAPES/MEC.

Descritor (etapa 1)	Total segundo o portal de artigos sem critério de inclusão (etapa 2)	Total de artigos após a inclusão dos seguintes critérios: 1) artigos em português 2) disponível eletronicamente no portal (etapa 3)	Total de artigos após os seguintes critérios: 1) artigos revisados por pares que abordassem em seu resumo pelo menos um aspecto relacionado ao tema e que não fossem repetidos (etapa 4)	Total de artigos após o seguinte critério: 1) Leitura dos títulos relacionados ao tema de interesse (etapa 5)	Total de artigos após a leitura completa do resumo, segundo o seguinte critério de inclusão: 1) artigos que abordaram claramente o tema pesquisado (etapa 6)
Iniciação Científica e instituições públicas	567	260	200	125	2
Bolsistas e contribuições	380	97	74	36	1
Iniciação Científica e formação acadêmica	585	268	207	98	2
Total de Periódicos	1532	625	481	259	5

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Depois de efetuada a revisão sistemática, foi identificado cinco (5) periódicos para integrarem a composição teórica do estudo. Cabe ressaltar que embora o tema analisado possua ampla extensão, há poucos estudos voltados exclusivamente as suas contribuições. Nesse sentido os cinco (5) periódicos selecionados, possuem alguma relação mais direta, com os temas; IC e instituições públicas, IC e formação acadêmica, bolsistas e contribuições. Sendo que os mesmos servirão de base para o desenvolvimento do estudo.

O primeiro periódico para a revisão sistemática da literatura é de autoria de Natália Lúcia Da Silva Pinto, Laura Maria Abdon Fernandes e Fabiana Ferreira Silva, apresentado com o título “Para além da formação acadêmica: as contribuições da IC para o desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes da área de administração”, publicado no ano de 2016. O periódico em questão buscou averiguar as contribuições que estudantes da área de administração tinham em relação ao desenvolvimento de programas de IC. Além disso, por meio do estudo foi possível detectar dificuldades enfrentadas, como também o fator motivacional que leva os estudantes a ingressarem nesses programas. Com o estudo verificou-se que sim, a IC promovida nas universidades, gera impactos positivos tanto na vida profissional como acadêmica dos estudantes participantes.

Em relação ao segundo periódico listado, o mesmo foi redigido pela autora Marilene Batista Da Cruz Nascimento, na qual teve a seguinte titulação “IC e seus impactos na formação acadêmica superior: um estudo de caso em Sergipe (1995-2008)”, publicado em Dezembro de 2011. Em que aborda basicamente o mesmo assunto do periódico mencionado acima, entretanto reconhece a insuficiência de bolsas de pesquisa nas instituições públicas e privadas. Em virtude do estudo realizado, conclui-se que a maior parte dos egressos participantes da IC se encaminha para a pós-graduação. O terceiro periódico utilizado foi escrito por, Alacoque Lorenzini Erdmann *et al* com o título “Vislumbrando o significado da IC a partir do graduando de enfermagem”, publicado em 2010. Esse vem ao encontro aos dois outros periódicos supracitados, em que reafirma a importância das bolsas de IC na carreira acadêmica e profissional dos estudantes.

O quarto periódico abordado, elaborado pelas autoras, Cassius Klay Silva Santos e Edvalda Araújo Leal, na qual recebeu o título “A IC na formação dos graduandos em ciências contábeis: um estudo em uma instituição pública do triângulo mineiro”, publicado em Abril de 2014. O mesmo constatou que os participantes de projetos de pesquisa, eles tem maiores contribuições no âmbito profissional do que no acadêmico. Por outro lado, esse fato vem a convergir com estudos de outros autores, em que em sua maioria defendem que há maiores contribuições no âmbito acadêmico em relação ao profissional. Conforme Almeida, Vargas e Rausch (2011), “estudantes participantes de programas de IC tem mais proximidade com as práticas de mercado, possibilitando assim aliar de maneira mais fácil a prática com às teorias da profissão”.

O quinto e último periódico selecionado de autoria de, Tatiana Brandão Fernandes, Amanda de Queiroz Bessa e Edinara Sobrinho da Silva, contemplado com o título “A IC na universidade federal do Amazonas: um estudo do perfil e das perspectivas dos discentes de

biblioteconomia que ingressaram no PIBIC entre os anos de 2010 a 2012”, publicado no ano de 2013. O periódico em seus resultados verificou que estudantes participantes de programas de IC agregam mais competências em relação aos que não tiveram tal oportunidade. Essas competências vão desde o desenvolvimento de técnicas de escrita até oratória e também há melhorias nas relações interpessoais. Por meio do estudo efetuado, foi possível identificar que as perspectivas dos estudantes em relação ao projeto desenvolvido eram atendidas. Como citado anteriormente em outros artigos, este reafirma que há mais contribuições no âmbito acadêmico do que profissional, pois os mesmos (estudantes) apresentaram melhor rendimento acadêmico quando participantes de ações ligadas a IC.

Diante do exposto, pode se auferir que as práticas de IC desenvolvidas nas universidades são impulsionadoras na formação do conhecimento. Além disso, os estudantes que a desempenham, também auferem resultados no sentido de desenvolver competências e estar mais preparados para o mercado, ou para a vida acadêmica. Como se pode perceber nos artigos utilizados, há entraves quanto à insuficiência de bolsas de pesquisas, pois se sabe que há alunos que dependem dessa “bolsa” para manutenção de seu vínculo na instituição e dedicação aos estudos.

Nesse sentido, a IC possibilita a inclusão do estudante em um mundo de descobertas, sendo que essas descobertas podem e devem vir a gerar contribuições tanto para a universidade quanto para a sociedade. Em síntese desenvolver pesquisa é promover o conhecimento, o desenvolvimento pessoal e também dar uma direção ao estudante seja no âmbito acadêmico ou no profissional. Por tais razões, incentivar o estudante a participar de projetos voltados a IC é contribuir tanto com o próprio (estudante) como também com o desenvolvimento do país.

2.2 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Com a chegada da Coroa Portuguesa, em 1808, começa a estruturação do núcleo de ensino superior no Brasil, controlado pelo estado e orientado para a formação profissional. (SAMPAIO, 1991). As primeiras escolas superiores, criadas em 1808 perduraram até 1934, com um modelo de ensino superior voltado na formação para profissões liberais tradicionais, como direito e medicina, ou para as engenharias (SAMPAIO, 1991). A presença e controle do estado no ensino eram de tal forma que chegava a determinar as instituições a serem criadas, seus objetivos, o estabelecimento do currículo e os próprios programas das instituições de ensino superior (SAMPAIO, 1991). Um exemplo pode ser constatado na carta de Lei de 1810,

onde constam as especificações dos livros e tratados nos quais os docentes deveriam se basear para a redação obrigatória de seus compêndios (ADORNO, 1988; SAMPAIO, 1991).

Cunha e Broilo (2013, p. 80) afirmam que “A educação, em geral, e o Ensino Superior, em particular, constituem meios e alavancas importantes e imprescindíveis, para a qualificação dos cidadãos, para o desenvolvimento das Nações, e para o bem-estar dos povos”. Complementando a afirmação, o Ministério da Educação (MEC) divulgou que “Cada vez mais, em um mundo onde o conhecimento se sobrepõe aos recursos naturais como fator de desenvolvimento humano, cresce a importância da escolarização e, em particular, da educação superior”. Isso mostra a importância de se ter uma educação superior de qualidade, que atenda aos princípios e objetivos de todos.

Se tratando de democratização e desenvolvimento em função da educação superior, Cunha e Broilo (2013) explanam que:

Nas últimas décadas a democratização da educação superior vem se constituindo num fenômeno crescente, com o empenho das diferentes nações, [...] que envolve a quantidade e qualidade da oferta da educação superior. O Brasil não foge à regra, e após muitas décadas de expansão pela via privada, instala um crescente investimento na educação superior pública, acompanhado por uma política de interiorização. Junto a essa perspectiva há o pressuposto de que a educação impulsiona o desenvolvimento social e econômico. Favorecendo maior equilíbrio no contexto da diversidade do país. (CUNHA; BROILO, 2013, p. 189).

Dados levantados pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO), a nível mundial explanam que o número de estudantes no ensino superior cresceu de 65 milhões, em 1991, para 79 milhões no ano 2000 e estima-se que atualmente esse número chegue a aproximadamente 150 milhões. Se tratando do Brasil, o Ministério da Educação (MEC), no ano de 2015, divulgou o censo da educação superior em que “De acordo com o censo, 8.033.574 alunos estão matriculados no ensino superior. [...] São ofertados 33 mil cursos de graduação em 2.364 instituições de ensino superior.” Esse aumento no quadro de estudantes, pode ser em função da obrigatoriedade do ensino ou mesmo pela consciência de uma necessária educação ao longo da vida.

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394, 1996, art.43.), a educação superior tem por finalidade:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição;
- VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (Lei 9.394, 1996, art.43).

A educação superior com o passar dos anos proporcionou mudanças e avanços perante a sociedade. Conforme a Conferência Mundial sobre Educação Superior de 1998, a mesma aponta que a educação superior é responsável tanto pelo desenvolvimento sociocultural e econômico como pela construção do futuro.

A educação superior tem dado ampla prova de sua viabilidade no decorrer dos séculos e de sua habilidade para se transformar e induzir mudanças e progressos na sociedade. Devido ao escopo e ritmo destas transformações, a sociedade tende paulatinamente a transformar-se em uma sociedade do conhecimento, de modo que a educação superior e a pesquisa atuam agora como componentes essenciais do desenvolvimento cultural e socioeconômico de indivíduos, comunidades e nações. A própria educação superior é confrontada, portanto, com desafios consideráveis e tem de proceder à mais radical mudança e renovação que porventura lhe tenha sido exigido empreender, para que nossa sociedade, atualmente vivendo uma profunda crise de valores, possa transcender as meras considerações econômicas e incorporar as dimensões fundamentais da moralidade e da espiritualidade. (UNESCO, 1998, on-line).

Observa-se que a carência de recursos e também de planejamento é um enorme entrave que assombra as instituições de ensino superior no país. Nesse sentido Bortolanza (2017, p. 8), declara que “A falta de planejamento às instituições de ensino superior no Brasil, desde sua origem, em detrimento as ineficiências e cunho político e interesses outros, proporcionaram limitações em sua expansão e na qualificação no atendimento pleno da população”. Cabe ressaltar que essas ineficiências existentes nas políticas educacionais, se configuram como um grande obstáculo na busca de padrões de excelência na educação superior.

A vinculação entre o ensino, pesquisa e a extensão, ainda ocorre de maneira pontual nas universidades. Deste modo, Teixeira (1977, *apud*¹ MASSI; QUEIROZ, 2015) relaciona essa junção dos termos como uma forma de preparação da carreira intelectual, por meio da associação do ensino, pesquisa e extensão, aliando com a didática, com a parte administrativa e econômica. Moita e Andrade (2009) afirmam que o ensino, a pesquisa e a extensão formam o tripé que compõe o eixo fundamental da universidade brasileira, não podendo ser compartimentado. De acordo com o artigo 207 da Constituição Brasileira, as universidades devem obedecer ao princípio de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Sendo que por parte das universidades esse três pilares (ensino, pesquisa e extensão) merecem tratamento igualitário, caso contrário estará configurando violação de um princípio legal, constituído em lei.

Em relação ao princípio da indissociabilidade, Moita e Andrade (2009) reconhecem que é um dos princípios norteadores da qualidade da produção universitária, pois menciona como necessária a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, ético e competente. Nesse sentido, os autores concluem que “É então precisamente o princípio de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão que garante a pretendida integração desses saberes com a ciência, as características particulares de cada uma das três atividades acadêmicas e a permanente articulação entre elas”. Ou seja, a união dos três fatores é de fundamental importância para a produção do conhecimento, onde se faz presente a IC.

2.2.1 Ensino, pesquisa e extensão

A união entre os três pilares da educação superior (ensino, pesquisa e extensão) nas universidades é fundamental para a manutenção das atividades ligadas ao desenvolvimento e formação dos acadêmicos. Nesse sentido, Moita e Andrade (2009, p.273) reiteram que “Uma vantagem decorrente da articulação entre ensino, pesquisa e extensão é o reconhecimento dos limites e peculiaridades de cada uma dessas três atividades”. Isso remete que a articulação entre elas é de suma importância para se auferir os objetivos propostos.

Reafirmando o compromisso do ensino, pesquisa e extensão no desenvolvimento dos acadêmicos e das universidades, Massi e Queiroz (2015, p. 46) admitem que “[...] o estabelecimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão favorece o fortalecimento da pesquisa e da pós-graduação no cotidiano das universidades, permitindo

1 TEIXEIRA, Anísio. A universidade de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1977.

que elas se firmem como grandes produtoras de pesquisas científicas [...]”. Esse fortalecimento só é possível, diante da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, na qual tem como propósito a produção da pesquisa científica e conseqüentemente o conhecimento.

As autoras Fernandes, De Queiroz Bessa e Da Silva (2013), em sua obra literária, reiteram que a universidade deve ser conhecida por suas três funções regimentais, o ensino, a pesquisa e a extensão. Sendo assim, além das atividades de ensino, compete a elas oferecer oportunidades e permitir a IC aos discentes por meio das atividades de pesquisa e extensão. Vale ressaltar que é por meio da pesquisa que ocorre a produção do conhecimento, sendo que o ensino e a extensão são termos importantes, mas conseqüentes deste processo.

A indissociabilidade entre os três pilares da educação (ensino, pesquisa e extensão) é fundamental para o andamento na formação do acadêmico. Diehl e Terra (2017), afirmam que:

A pesquisa e a extensão retroalimentam o ensino desenvolvido em sala de aula e devem funcionar como uma engrenagem em perfeita harmonia. A extensão, de fato, faz o movimento de trazer as questões da sociedade para serem problematizadas entre a comunidade e a IES e pesquisadas na academia, devendo movimentar o ensino. (DIEHL; TERRA, 2017, p. 179).

Em relação ao ensino, Fernandes, De Queiroz Bessa e Da Silva (2013), reconhecem que por meio dele, cria-se um processo de aprendizagem que passa pela mediação de um docente. Esse (Docente) deve ter o comprometimento em disseminar conteúdos necessários para o enriquecimento do saber dos acadêmicos. Além disso, surge uma relação entre professor e aluno, onde a mediação do conhecimento transmitido permite a interação no processo de aprendizagem (FERNANDES; DE QUEIROZ BESSA; DA SILVA, 2013). Acerca disso, Diehl e Terra (2017) afirmam que o professor deixou de ser apenas um mero “reprodutor de conhecimentos” para se tornar um estimulador na formação do senso crítico, na construção conceitos, por meio do uso de métodos de ensino.

Percebe-se o quão importante é o ensino nas universidades, pois quando por meio da articulação da extensão e da pesquisa, exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido a universidade (MOITA; ANDRADE, 2009). Já o ensino com a pesquisa é considerado uma estratégia necessária e fundamental para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação (SANTOS; LEAL, 2014).

Se tratando da pesquisa nas universidades, ela corresponde ao segundo item do tripé do ensino. Com a Segunda Guerra Mundial, houve um avanço nas áreas ligadas a ciência, com isso teve-se a inserção da pesquisa nas universidades brasileiras. Conforme Fernandes,

De Queiroz Bessa e Da Silva (2013, p. 56), “[...] a pesquisa amplia e dá oportunidade dos discentes formarem um senso crítico da realidade ao fazê-lo identificar e buscar soluções para problemáticas, ao vinculá-lo, sob a orientação de um docente, durante a execução de um projeto de seu interesse”. Sendo que no Brasil a universidade pioneira na implantação da pesquisa científica foi a Universidade de São Paulo a USP, no ano de 1934.

Para Lakatos (2005), a pesquisa também pode ser compreendida como:

[...] um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para se descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para as questões propostas, utilizando métodos científicos. (LAKATOS, 2005, p. 43).

Em função da educação (ensino primário, médio e superior) e da oferta de programas de pesquisa, obtêm-se resultados positivos quando o assunto é o desenvolvimento de uma nação. Pinto, Fernandes e Silva (2016), discorrem sobre esse tema, quando afirmam que a experiência em pesquisa traz benefícios não apenas aos acadêmicos, mas também os prepara para atuação em organizações que cada vez mais exigem profissionais multitalentos. Isso vem a encontro com o desenvolvimento de habilidades e competências, cada vez mais exigidas nas organizações. Gray (2014 *apud* PINTO; FERNANDES; SILVA, 2016, p.307) reconhece que “[...] a prática da pesquisa é de grande importância para o mercado e as organizações de todos os setores, uma vez que promove melhor compreensão do cenário em que se insere e colabora para a observação de eventos futuros – como novas tecnologias e tendências”.

De acordo com a UDESC (2018), a pesquisa pode ser descrita como:

[...] uma atividade cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável que consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações, que possam ser corroboradas por métodos científicos aceitos de observação e inferência. A **pesquisa** envolvendo seres humanos é aquela que, individual ou coletivamente, envolve o ser humano de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais. (UDESC, 2018, on-line).

A prática da pesquisa estimula a proatividade e a criatividade do estudante, que tem a oportunidade de conhecer melhor as áreas de atuação profissional de seu interesse (PINTO; FERNANDES; SILVA, 2016). De modo que, a pesquisa inserida na graduação tem o objetivo de formar pesquisadores, com o intuito de desenvolver solução a algo que não esteja dentro dos patamares desejados (SANTOS; LEAL, 2014). Na universidade a pesquisa científica é

reconhecida como processo privilegiado de produção do conhecimento, descrita pelo questionamento sistemático, metódico e argumentado da realidade, possibilitando a inovação e a intervenção, conforme paradigmas existentes (NASCIMENTO, 2011).

Quanto à extensão nas universidades, Nascimento (2011, p. 2) admite que “[...] é vista como um processo educativo, cultural e científico que possibilita a articulação entre o ensino e a pesquisa, estreitando a relação teoria e prática e a viabilidade da afinidade transformadora entre universidade e sociedade”. Nessa perspectiva a extensão funciona como uma via de “mão dupla”, na qual engloba também o ensino e a pesquisa. Dielh e Terra (2017) mencionam que a extensão iniciou uma trajetória para transformação da sociedade, transformando-se a si mesma e transformando sua relação com os outros “fazeres”, ensino e pesquisa.

Fernandes, De Queiroz Bessa e Da Silva (2013), afirmam que a extensão, envolve a resolução de um problema no âmbito externo à universidade e relacionado à comunidade. Isso remete a elaboração das atividades fora do ambiente da universidade. Castro explana que a extensão:

[...] se coloca como um espaço estratégico para promover práticas integradas entre as várias áreas do conhecimento. Para isso é necessário criar mecanismos que favoreçam a aproximação de diferentes sujeitos, favorecendo a multidisciplinaridade; potencializa, através do contato de vários indivíduos, o desenvolvimento de uma consciência cidadã e humana, e assim a formação de sujeitos de mudança, capazes de se colocar no mundo com uma postura mais ativa e crítica. A extensão trabalha no sentido de transformação social. (CASTRO, 2004, p. 14).

Como se observa a extensão é importante para as universidades e também para a sociedade. A extensão universitária, em conjunto com o ensino e a pesquisa, forma um tripé virtuoso de produção e disseminação do conhecimento (UDESC, 2018). A extensão auxilia na formação, acesso e socialização de conhecimentos, por meio de ações e vivências que propiciem o desenvolvimento humano e profissional dos envolvidos (UDESC, 2018). Além disso, quando ocorre a junção entre o ensino a pesquisa e a extensão, se obtém ganhos mútuos para ambas as partes envolvidas no processo.

2.3 A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO

A IC refere-se a uma atividade que inicia com o aluno de graduação na produção de conhecimento científico. Além disso, tal atividade faz sentido em uma estruturação de ensino superior que inclui em suas práticas acadêmicas a pesquisa científica (MASSI; QUEIROZ,

2015). Nessa lógica, entende-se a IC como um dispositivo de entrada para os estudantes conhecerem o campo do trabalho acadêmico, da mesma forma em que simboliza uma oportunidade para as instituições de ensino e pesquisa atraírem novos talentos (PINTO; FERNANDES; SILVA, 2016).

Em relação à inserção do discente no meio científico e a atuação no meio acadêmico, Teixeira, Vitcel e Lampert (2008), explanam que:

A iniciação científica (IC) tornou-se prática recorrente no ensino superior, tendo como função principal a inserção do acadêmico no meio científico, contribuindo assim para que muitos destes estudantes decidam pela atuação no meio acadêmico na docência ou na pesquisa, bem como para a redução do tempo de formação de mestres e doutores. (TEIXEIRA; VITCEL; LAMPERT, 2008, p. 1).

O conceito de IC estabeleceu-se nas universidades como uma atividade a ser desenvolvida na graduação, visando o incentivo da prática da pesquisa e à familiarização do acadêmico com práticas científicas (NASCIMENTO, 2011). Nesse sentido, Pinto, Fernandes e Silva, (2016, p. 306), complementam essa afirmação ao citar que “A iniciação científica (IC) pode ser considerada o primeiro passo na carreira de cientista [...], ou mesmo uma forma de atrair e capacitar estudantes do ensino médio e superior para a vivência dos procedimentos e da investigação científica em várias áreas do conhecimento”.

Para Pinheiro (2010) a IC funciona como um instrumento que induz os estudantes de graduação potencialmente os mais promissores, ao desenvolvimento de pesquisas científicas, como também é a porta de entrada para a pós-graduação. Esse contato desde cedo com a pesquisa, desperta o interesse na atividade científica. Nessa perspectiva, a IC se estabelece como um mecanismo de apoio teórico e metodológico à produção da pesquisa, auxiliando também na formação de uma nova mentalidade no aluno (PINHEIRO, 2010).

Conforme expõe Massi e Queiroz (2015) a IC, pode ser julgada sob duas perspectivas distintas, sendo:

Na primeira, é um processo que abarca todas as experiências vivenciadas pelo aluno durante a graduação, com o objetivo de promover o seu envolvimento com a pesquisa e, conseqüentemente, sua formação científica, incluindo programas de treinamento, desenvolvimento de estudos sobre a metodologia científica (dentro de uma disciplina ou não), visitas programadas a institutos de pesquisa e a indústrias etc. Na segunda, [...] a IC é definida como o desenvolvimento de um projeto de pesquisa elaborado e realizado sob orientação de um docente da universidade, executado com ou sem bolsa para os alunos. (MASSI; QUEIROZ, 2015, p. 7).

De acordo com o CNPq (2018), a IC tem por finalidade elevar o patamar de informações disponível e prover a população de conhecimentos básicos de ciência e

tecnologia, pois estes conhecimentos são centrais na atualidade. Além disso, é necessário estimular os jovens a se tornarem profissionais da ciência e da tecnologia, para assim avançar no conhecimento já existente (CNPq, 2018). Segundo o próprio CNPq, é preciso que os jovens sejam criativos e inovadores, dado que é o ingrediente principal quando o assunto é a ciência.

Conforme Nascimento (2011), a participação em atividades de IC coopera para o desenvolvimento da formação integral dos graduandos na medida em que eles têm contato com um professor pesquisador. Além disso, contribui com o desenvolvimento de ferramentas para sanar problemas da sociedade. Sendo que a participação em projetos de IC proporciona aos estudantes o contato com a produção científica e possibilita o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos científicos, engajando-os em atividades de investigação (SANTOS; LEAL, 2014).

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996), no art. 43, a mesma respalda que incentiva o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com o ideal que essa ação promova o desenvolvimento do ambiente e também do conhecimento humano. Nessa perspectiva, Fernandes, De Queiroz Bessa e Da Silva (2013) salientam que a IC, representa um avanço ao discente, pois contribui para a preparação do mesmo em relação ao mercado de trabalho, tornando-o mais preparado para os desafios da futura profissão.

Para aperfeiçoar a atividade de pesquisa, é fundamental que se desenvolva um planejamento, a fim de estabelecer pontos a serem seguidos. Pinheiro (2010) elencou tais pontos que devem se fazer presente nesse planejamento, sendo eles:

- a) Qual a linha de pesquisa, sua definição e importância;
- b) Quais serão as pesquisas realizadas pelos próximos anos, organizadas por relevância, por complexidade, e por prioridade;
- c) Quais os recursos humanos e materiais necessários para a realização da pesquisa;
- d) Quais as atividades que os alunos deverão participar durante a iniciação científica;
- e) Quais são os conhecimentos e as habilidades que o aluno deve desenvolver para iniciar e realizar as atividades de iniciação científica;
- f) Quais as metas e objetivos da iniciação científica. (PINHEIRO, 2010, p. 85).

Incentivar o trabalho de pesquisa e/ou investigação científica, deve ser uma ação do docente, visando à difusão do conhecimento e do saber, como também o desenvolvimento das competências e habilidades do aluno (NASCIMENTO, 2011). Segundo Pinheiro (2010) o sucesso das atividades de IC, depende da disponibilidade, conhecimentos, habilidades e do

comprometimento do aluno. Sendo que cabe a instituição, disponibilizar aos estudantes os detalhes do programa, bem como suas vantagens e obrigações, para que assim decida participar ou não. As habilidades e qualidades de um pesquisador, segundo Collis e Hussey (2005 *apud*³ TEIXEIRA, VITCEL; LAMPERT, 2008) são destacadas na figura 1:

Figura 1 – Qualidades e habilidades necessárias ao pesquisador.



Fonte: Adaptado Collis e Hussey, 2005, p. 17.

Conforme ilustrado na figura 1, é necessário que o acadêmico construa e desenvolva competências, habilidades e qualidades, pois assim constrói uma base sólida para desenvolver a pesquisa. Segundo Teixeira, Vitcel e Lampert (2008) o alinhamento dessas particularidades conduz o acadêmico a resultados favoráveis, tanto em relação ao trabalho, nas organizações, ou no meio acadêmico-científico.

Nas instituições públicas de ensino superior, os pesquisadores têm a oportunidade de desenvolver projetos de pesquisa, instigar o debate e ter maior rigor na produção do conhecimento. Massi e Queiroz (2015) por sua vez admitem que através da IC, os discentes adquirem maturidade e absorvem valores que são vitais à carreira acadêmica e profissional. Nesse sentido, estudos realizados nos Estados Unidos revelam que estímulos para a carreira acadêmica são mais produtivos quando efetivados no decorrer do curso superior. Entretanto, especialistas em educação afirmam que não há precisamente um melhor momento de interferência, dentro do sistema educacional.

Quanto às pessoas envolvidas na IC, os mesmos possuem direitos e obrigações. Nesse processo de formação a universidade, o orientador, os graduandos, e os órgãos de fomento, têm significativo papel a exercer. No processo de formação é necessária a compreensão dos

³ COLLIS, Jill.; HUSSEY, Roger. Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman, 2005.

atores envolvidos, buscando assim desenvolver um ensino de qualidade. Além disso, a curiosidade, a busca de solução de problemas, compreende a indissociabilidade do tripé ensino-pesquisa-extensão, fundamentado na prática com o desenvolvimento da IC (TEIXEIRA; VITCEL; LAMPERT, 2008).

2.4 FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

A educação superior possui uma tríplice função, que se caracteriza como: profissionalizar, iniciar a prática científica e formar a consciência político-social do discente (SEVERINO, 2007). O ensino superior, no decorrer da história visa atingir três objetivos. Severino (2007) menciona que estes objetivos devem estar articulados entre si, de modo que se atinjam os resultados esperados. Os três objetivos seriam:

O primeiro objetivo é o da formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas; o segundo objetivo é o da formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdos de conhecimento das diversas especialidades do conhecimento; e o terceiro objetivo é aquele referente à formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social. (SEVERINO, 2007, p. 22).

Ingressar em um curso superior provoca mudanças na forma de se conduzir os processos de ensino e aprendizagem, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Tudo isso em prol do fortalecimento na formação do acadêmico, visando no longo prazo sua escolha profissional. Se tratando da formação profissional, a extensão é uma peça fundamental neste processo. Conforme, Almeida, Pereira e Oliveira (2016) a extensão auxilia na formação do profissional de modo que humaniza e contextualiza com situações reais em que os mesmos irão atuar futuramente. Assim ocorre à criação do conhecimento, que vai de encontro com os princípios básicos da educação e do desenvolvimento humano.

Em relação à formação acadêmica, discentes que participam de programas de IC, tendem a construir uma base mais sólida quanto ao conhecimento científico, modalidade mais adequada de aprendizagem. O ensino universitário sob essa perspectiva permite construir uma educação voltada ao diálogo. Compreender o aluno em sua totalidade implica a contextualização dos processos de ensino e de aprendizagem. A formação do docente-pesquisador na contemporaneidade precisa contemplar uma formação capaz de ultrapassar as barreiras do cientificismo, do previsível, da precisão para alcançar o improvável, o subjetivo, o inconstante (NASCIMENTO, 2011).

Se tratando da docência, as universidades não podem parar de investir na formação continuada dos docentes. Sendo que a atividade docente, não se constitui apenas na transmissão mecânica de informações, ela vai, além disso, pois se configura como uma atividade de formação. Sendo que a docência é responsável, por grande parte da formação acadêmica e também contribui para que o discente seja um excelente profissional. Porém em contra partida, conforme aponta Severino (2007) a aprendizagem, só se realiza por meio do esforço individualizado e autônomo do estudante. Portanto, não basta apenas o esforço do docente, dado que o discente é o beneficiado em receber o conhecimento e filtrá-lo para se tornar um acadêmico e/ou profissional de elevada estima.

2.5 UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

A Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) iniciou sua trajetória no ano de 1965, por meio do Decreto Estadual nº 2.802, chamada na época de Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina. A UDESC dispõe de uma estrutura, com 12 unidades multicampi, distribuídas em nove cidades do estado de Santa Catarina, além de 32 polos de apoio presencial para o ensino a distância, em parceria com a Universidade Aberta – UAB e com Ministério da Educação - MEC.

Em relação à UDESC:

Atualmente, são **15 mil alunos** distribuídos em **59 cursos de graduação e 48 mestrados e doutorados**, que são oferecidos gratuitamente.[...]O ingresso na universidade pode ser feito via [vestibulares](#) (verão e inverno), [Sistema de Seleção Unificada \(Sisu\)](#) e editais de [transferência](#). Ao todo, são mais de três mil vagas todos os anos, sendo 20% para estudantes de escolas públicas e 10% para negros. (UDESC, 2018, on-line).

Em relação ao corpo docente à universidade possui uma alta capacitação, sendo que mais de 95% dos professores são mestres ou doutores. Isso a eleva ao patamar de uma das melhores universidades, sendo a quarta colocada no ranking de federações com as melhores instituições estaduais de ensino superior no Brasil, segundo o MEC, o que atrai cada vez mais alunos em busca de ensino gratuito e de qualidade (UDESC, 2018).

Sabe-se que um dos pilares das Universidades, é promover o desenvolvimento de regiões por meio da educação e do acesso ao ensino. Nesse sentido, a atuação da UDESC, seja presencial ou à distância, ajuda a fortalecer tanto o lado socioeconômico quanto o cultural da região, através da oferta de cursos na área da saúde, tecnologia, educação, arte e socioeconômicas (UDESC, 2018).

Se tratando de práticas relacionadas à extensão, na Udesc são desenvolvidas mais de 700 ações por ano nas mais variadas áreas do conhecimento. Além disso, essas ações são gratuitas, beneficiando cerca de 900 mil pessoas anualmente por todo o Estado. A Udesc financia essas ações por meio do Programa de Apoio à Extensão (Paex), além de buscar recursos externos junto ao Ministério da Educação (MEC).

Quanto à pesquisa, a UDESC desenvolve pesquisas que formam pessoal de nível elevado para a produção do conhecimento e atuação profissional, além de ajudar a resolver problemas específicos, atendendo a demandas sociais das comunidades catarinenses (UDESC, 2018). Quanto aos grupos de pesquisa, a UDESC possui entorno de 168 certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), divididos em diferentes áreas do conhecimento. Conforme dados da própria UDESC (2018), a mesma investe R\$ 1,8 milhão por ano em ações e/ou projetos ligados ao desenvolvimento de pesquisa. A instituição também oferece bolsas de IC e promove um seminário anual para exposição dos projetos desenvolvidos.

A UDESC atua em 291 linhas de pesquisa, distribuídas nos 153 grupos cadastrados no CNPq que contam com 799 pesquisadores ativos, sendo 559 doutores. Contribuem ainda com a pesquisa 101 técnicos e 1.865 alunos. Os grupos de pesquisa encontram-se assim distribuídos: Ciências Agrárias - 28 grupos; Ciências Biológicas - 02 grupos; Ciências da Saúde - 21 grupos; Ciências Exatas e da Terra - 11 grupos; Ciências Humanas - 25 grupos; Ciências Sociais Aplicadas - 17 grupos; Engenharias - 35 grupos; e Linguística, Letras e Artes - 14 grupos. A UDESC Oeste possui ainda 35 pesquisadores bolsistas de produtividade do CNPq e 2 PQ-DT.

A UDESC Oeste faz parte do Programa Institucional de Iniciação Científica com 34 bolsas de 20h nas modalidades PIBIC (CNPq) e PROBIC (contrapartida da UDESC), também se destaca pela quantidade de 63 voluntários de 10h (PIVIC, UDESC paga um seguro). Essas bolsas são destinadas aos acadêmicos de graduação para desenvolver trabalhos com integração entre pesquisadores envolvidos nos projetos de pesquisa da graduação e da pós-graduação. As bolsas são distribuídas aos campi da UDESC de acordo com alguns critérios como produtividade científica dos professores, avaliação externa dos projetos de pesquisa por meio de notas de consultores *Ad hoc*, quantidade de bolsistas em produtividade do CNPq e número de professores vinculados a programas de pós-graduação da instituição. Portanto, o aumento considerável de bolsas recebidas nos últimos anos pela UDESC/Oeste deve-se ao bom desempenho nesses critérios, confirmando o aumento da qualificação dos docentes do

campus. A avaliação da qualidade do programa de bolsas de IC é feita por meio do Seminário de Iniciação Científica – SIC, que ocorre uma vez por ano.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, os métodos e instrumentos de coleta e análise dos dados adotados serão apresentados. De acordo com, Gerhardt e Silveira (2009, p. 12) “metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência”. Em termos gerais significa o estudo dos caminhos, de quais instrumentos utilizar para fazer uma pesquisa.

O método caracteriza-se como um instrumento de conhecimento em que permite ao pesquisador, independente da área de estudo, a orientação necessária para planejar uma pesquisa e interpretar os resultados. Além disso, envolve a escolha do procedimento usado para descrever e explicar o estudo. A definição da metodologia apresentada está diretamente ligada com o problema a ser estudado. Dessa forma, nesta seção serão expostos os procedimentos metodológicos empregados na elaboração da pesquisa.

Primeiramente é abordado o tipo de pesquisa, na sequência apresentam-se os sujeitos da pesquisa, seguida do instrumento e técnica de coleta de dados utilizada, método de análise e interpretação dos resultados obtidos e por fim as limitações provenientes do estudo.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa pode ser compreendida como um procedimento racional, cujo objetivo é proporcionar respostas a problemas propostos, isto é, aplicada quando não se tem informações suficientes para responder a um determinado problema, ou até mesmo, quando a informação está em desordem para responder a tais questionamentos (GIL, 2010). De maneira sucinta Pinheiro (2010) afirma que a pesquisa ou pesquisar significa buscar respostas para indagações propostas, agindo assim como um processo de aprendizagem.

Quanto à abordagem utilizada para cumprir o objetivo proposto do estudo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, visto que busca o entendimento em relação a um grupo de pessoas, não tendo preocupação com a quantificação de valores (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Esse tipo de abordagem visa entender, descrever e, às vezes, explicar fenômenos sociais de diversas maneiras diferentes (FLICK, 2009). Complementando essa visão, Pinheiro (2010, p. 20) salienta que a “pesquisa qualitativa se caracteriza pela tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

Desse modo, designa-se como uma pesquisa com abordagem qualitativa, visto que buscou respostas em relação às contribuições da bolsa remunerada na formação acadêmica e

profissional de bolsistas de IC. Justifica-se o uso deste tipo de abordagem, em função de analisar de que forma a IC remunerada contribui na formação dos bolsistas, verificando os motivos que levaram a participar e também analisando a percepção acerca das contribuições advindas da IC para sua formação.

Quanto aos meios, serão aplicados no estudo o documental, bibliográfico e a pesquisa de campo. Em relação à pesquisa documental, Gil (2010) aponta que a mesma se vale de documentos das mais diversas finalidades, como autorizações, comunicações, relatórios, entre outros. Já em relação à pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2010) cogitam que este tipo de pesquisa abrange toda bibliografia pública em relação ao tema estudado. Caracteriza-se por buscar dados em livros, artigos científicos e páginas em *web sites*, a respeito do tema investigado. Gil (2010) menciona que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é pelo fato de permitir ao investigador uma maior cobertura de fenômenos.

A pesquisa de campo tem o objetivo de extrair informações acerca de um problema, visto que ainda podem-se descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2010). Sendo que a pesquisa de campo nada mais é que a observação dos fenômenos espontaneamente.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois conforme Pinheiro (2010) esse tipo de pesquisa busca transmitir a realidade de determinado objeto de estudo e visa descrever as características de determinada população. Nesse sentido, o próximo passo se trata dos sujeitos que integraram a pesquisa.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa são os estudantes da graduação e do mestrado do curso de zootecnia da UDESC Oeste. No caso dos estudantes do mestrado, apenas os que participaram da IC durante a graduação e que participam atualmente como é o caso dos estudantes da graduação. Essa delimitação quanto aos sujeitos deu-se em virtude, da oferta de mais cursos na unidade mantenedora, a UDESC Oeste. Considerando apenas os estudantes do curso de zootecnia, isso permitiu analisar de forma mais efetiva os dados obtidos, alcançando assim os objetivos propostos ao estudo. Além disso, a escolha deste perfil de estudantes é em razão da disponibilização das bolsas de IC pela unidade estudada e também pelo fato do pesquisador estagiar no departamento de direção de pesquisa da UDESC Oeste, tendo acesso ao banco de dados dos bolsistas, bem como contato direto com eles.

O método utilizado foi o de acessibilidade e representatividade, estabelecido por escolha intencional dos participantes à pesquisa. Vergara (2009) aponta que este tipo de critério é constituído pela seleção de sujeitos que o pesquisador considera representativos da população a ser estudada, implicando assim conhecimento sobre a mesma (população). A autora ainda esclarece que nesse tipo de método não são usados procedimentos estatísticos, visto que os sujeitos de pesquisa são selecionados pela conveniência.

A pesquisa foi composta de uma entrevista de triagem, aplicada aos estudantes, selecionados aleatoriamente, tendo como critério de seleção ser aluno bolsista de IC do curso de zootecnia da UDESC Oeste. Em relação aos participantes do mestrado em zootecnia o critério de seleção foi ter participado como bolsista IC no período da graduação e ter sido aluno do curso de zootecnia na UDESC Oeste. A entrevista teve como finalidade obter informações acerca da IC, por meio de uma conversa de caráter informal. Nesse diálogo proferido, foi possível avaliar quais alunos poderiam contribuir com o grupo focal, sendo dez (10) deles convidados posteriormente a participar.

Depois de aplicada a entrevista de triagem, foram enviados *e-mails* aos dez (10) participantes, convidando-os a participar do grupo focal. Nesse *e-mail* continham-se informações acerca de como se desenvolveria o encontro, especificando o local a data e o horário. Em seguida houve contato com os professores orientadores acerca da realização do trabalho, ocasião em que foi apresentado aos mesmos o propósito do estudo. Nesse contato, foi solicitado que estes reforçassem o convite aos estudantes quanto à importância de sua participação no grupo focal, para assim se cumprir os objetivos da pesquisa.

Posteriormente a definição dos sujeitos da pesquisa, o próximo passo se trata do instrumento e técnica de coleta de dados utilizada, conforme relatado na próxima seção.

3.3 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A coleta dos dados é a etapa em que se aplicam os instrumentos selecionados, visando responder a pergunta de pesquisa. Gerhardt e Silveira (2009) destacam que o instrumento utilizado deve ser válido e confiável. Os dados foram coletados mediante aplicação de um questionário e também de uma entrevista coletiva, mais conhecida como grupo focal.

O grupo focal permitiu, de maneira qualitativa, coletar dados com potencial de maior riqueza ao serem transformados em informações. Destaca-se o uso desse método em razão da interação que ocorre entre os participantes e não somente com o pesquisador (BARBOUR, 2009).

Com a finalidade de selecionar estudantes a participar do grupo focal, foi realizada uma entrevista denominada “entrevista de triagem”. Essa por sua vez se deu no âmbito dos “corredores” da UDESC Oeste. Nessa entrevista, critérios foram utilizados no sentido de filtrar os participantes para a próxima etapa. Dentre eles, o primeiro critério é em relação à participação do estudante nos programas de IC na UDESC, sendo que passaram para a próxima etapa apenas quem participou e/ou participa como bolsista de IC na graduação. Os demais critérios compreenderam; fase do (a) estudante no curso, disponibilidade para participar do grupo focal, dentre outros critérios estabelecidos.

Quanto ao grupo focal, os estudantes convidados participaram, expondo suas percepções sobre a IC. De acordo com Barcelos (2010) o grupo focal é uma técnica em que se reúnem pessoas para comentar, expressar seus pontos de vista sobre um determinado assunto, tendo a presença de no mínimo um moderador, na qual procurará estimular os participantes a expressar suas opiniões e percepções sobre determinado assunto.

O grupo focal caracteriza-se como uma entrevista não estruturada, porém com uma abordagem direta e natural. Para se ter sucesso na coleta de dados, por meio da execução do grupo focal, Vergara (2005) aponta os itens principais que devem integrar a aplicação do mesmo, sendo eles; homogeneidade do grupo, interação entre os participantes, discussão focada em um assunto específico e por fim ter a presença de um moderador. Quanto ao número mínimo e máximo de participantes, Vergara (2009) aponta que no mínimo deve se ter seis e no máximo dez pessoas, tendo como valor ótimo oito participantes.

Tendo o grupo focal como norteador para a obtenção dos dados, o mesmo deve ter maior visibilidade e comprometimento em seu desenvolvimento. Ele foi formulado de maneira a extrair o máximo de informações dos participantes. A utilização deste modelo de coleta de dados implicou no desenvolvimento de um roteiro a ser seguido e contou também com uma matriz de amarração. Essa que por sua vez estimulava por meio de questões diretas os participantes a expressar e/ou comentar sobre os assuntos em pauta.

No que tange a realização do grupo focal, o mesmo aconteceu nas dependências da UDESC Oeste, bairro Santo Antônio na cidade de Chapecó - SC. Realizou-se ali, visando à acessibilidade e comodidade dos participantes. O encontro ocorreu no dia 13 de dezembro de 2018, havendo a participação de oito (8) estudantes, dentre eles seis (6) da graduação e dois (2) do mestrado. Contou também com a presença de dois (2) moderadores, sendo o pesquisador e uma servidora da instituição (UDESC), a qual atua no setor de pesquisa. O tempo de duração do encontro foi de aproximadamente 60 minutos, ficando dentro do padrão estabelecido para um grupo focal (VERGARA, 2009).

Juntamente com o grupo focal foi aplicado um questionário de estrutura mista, contendo questões abertas e fechadas, com o intuito de traçar o perfil dos participantes (Apêndice B e C). Nesse sentido Vergara (2009) cita que o grupo focal objetiva discutir sobre um determinado assunto, podendo triangular-se com questionários, observação participante e entrevista. Sendo assim essa estratégia foi utilizada na pesquisa, com o intuito de ter maior clareza nos dados coletados.

Foram elaboradas algumas questões em um roteiro flexível e sintético (Apêndice A), as quais serviram de gatilhos para condução do grupo focal. Tais questões eram pertinentes à importância da IC, motivações para ingressar nela. O intuito dessas questões era promover sinergia entre os participantes, levando a um maior fluxo de informações.

As entrevistas concedidas via organização do grupo focal foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra buscando-se, assim, tornar os dados obtidos mais precisos, de forma a serem analisados em relação aos seus conteúdos. Foi relevante planejar o local da pesquisa, pois facilitou uma boa gravação registrada em áudio, contribuindo para uma transcrição de qualidade. Reunidos em uma sala, os estudantes explanaram suas opiniões e vivências acerca de tópicos específicos, ligados a IC. Durante a realização do encontro, buscou-se que os participantes ficassem à vontade a respeito do que era questionado, expondo suas colocações de modo que se sentissem confortáveis.

Foi feita uma suplementação de dados no processo de coleta por meio de observação participante. Isso permitiu realizar a recomendada triangulação de dados em pesquisas (VERGARA, 2009).

A técnica de observação participante (Roteiro de observação, no Apêndice E), conforme Gerhardt e Silveira (2009) permite perceber situações que não são obtidas por meio de perguntas. A utilização dessa técnica foi possível diante do fato do pesquisador estagiar no departamento de direção de pesquisa e pós-graduação da UDESC, desde junho de 2017, possuindo assim contato direto com os bolsistas. Este tipo de análise fortalece a afirmação dos próprios autores, na qual citam que essa técnica é a inserção do pesquisador em um meio de vida, de trabalho. Além disso, permitiu reafirmar muitas discussões surgidas no grupo focal, trazendo à tona inferências importantes para a interpretação dos dados analisados, assunto que será tratado na sequência.

3.4 MÉTODO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

O processo de análise combinou a descrição para organização dos dados e a interpretação para explicá-los. Tal simultaneidade permitiu a elaboração de uma síntese de elementos principais que ajudaram responder a pergunta de pesquisa e refletir a direção dos dados coletados.

Conforme Gerhardt e Silveira (2009) a técnica de análise de dados é essencial para analisar, compreender e interpretar o material qualitativo. Nesse sentido, o autor ainda afirma que a interpretação dos dados é uma atividade que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos.

Desse modo, para analisar e interpretar os dados obtidos foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a qual permitiu melhor sistematizar as ideias, além de “[...] permitir ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação”. (FRANCO, 2003, p. 20). A aplicação dessa técnica, neste estudo, seguiu as recomendações de Bardin (2016), prevendo três fases, organizadas cronologicamente.

Para fins desta pesquisa, as etapas orientadas alocaram-se da seguinte maneira:

1) **A pré-análise:** nela ocorreu a organização do material para a extração das informações visando à realização da análise propriamente dita. Em outras palavras, nessa etapa houve a transcrição das entrevistas, seguida de uma leitura “flutuante”, na qual ocorreu o primeiro contato com os dados obtidos no grupo focal;

2) **A exploração do material:** por meio da utilização de dados de texto lineares como ponto de partida, entrevistas transcritas e a observação participante, iniciou-se o processo de segmentação e de codificação, o qual se alternou com a construção de esquemas gráficos (mapa conceitual) e estruturas textuais. Com o uso da técnica de análise de conteúdo categorial se buscou de modo criativo, desenhar “mapas” para apresentar os relacionamentos entre os conceitos estudados e os dados obtidos. Com base na análise de conteúdo, nesta pesquisa foi utilizado o critério de categorização semântico, cujo, consiste em distinguir os temas em categorias temáticas, na qual estes se agrupam por semelhança de sentido e/ou significado, formando assim categorias relacionadas ao problema de pesquisa, por fim a fase;

3) **Tratamento dos resultados e a interpretação:** houve aqui a escolha de trechos específicos que melhor permitiam a análise e opiniões comuns ou divergentes entre os participantes do grupo focal, em um movimento de agrupamento e separação. Nessa última

etapa são estudadas e delimitadas as grandes categorias temáticas, com base nos dados apurados. Foi importante recorrer ao uso da intuição, bem como de uma análise crítica e reflexiva dos discursos evidenciados no decorrer das entrevistas.

A análise de conteúdo para Bardin (2016) se constitui em um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam aos discursos. Sendo assim, o fator comum das técnicas é promover uma interpretação controlada que se baseia na inferência. Algo que significou ir além da compreensão literal de uma informação dada pelo grupo participante deste estudo.

Visto que todo e qualquer trabalho se depara com limitações em sua elaboração, encerra-se o presente capítulo com algumas limitações do estudo, detalhadas a seguir.

3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Com relação às limitações do estudo, Vergara (2009, p.20) afirma que “Como tudo na vida, entrevistas, tanto individuais quanto grupais, são ricas em possibilidades e em limitações”. Nesse sentido, uma limitação encontrada, foi referente à aplicação do grupo focal, pois estava previsto para ocorrer no primeiro semestre de 2019, porém devido aos estudantes saírem para o estágio obrigatório (Requisito exigido para obtenção do diploma em Zootecnia) teve que ser executado ainda no ano de 2018. Assim o tempo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do método de coleta de dados foi reduzido, gerando certa tensão na hora de sua aplicação. Também é visto como uma limitação, o receio de alguns participantes em comentar sobre determinados assuntos, com medo de serem mal interpretados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos na pesquisa bem como sua discussão, com vista a atender os objetivos propostos para o desenvolvimento deste estudo. Inicialmente se apresenta o grupo focal: perfil dos participantes. Posteriormente, se faz uma descrição sobre os primeiros passos: acessando o mundo da IC, destacando o que chamou a atenção dos alunos e os motivou a participar da IC. Na sequência é abordada a trajetória do bolsista durante a graduação, visando compreender como a bolsa recebida interfere na permanência do estudante na universidade, e encerra-se o tópico com o item: consolidando as motivações para IC. Após, é averiguado a IC como grande impulsionadora da carreira acadêmica e profissional, tomando por conhecimento o que proporciona ao estudante que a desenvolve. Por fim, busca-se verificar a percepção do bolsista quanto às contribuições da IC, juntamente com os desafios e oportunidades, comumente enfrentados durante o desenvolvimento da IC.

Observe-se que, de modo a assegurar a confidencialidade do estudo, a identidade dos participantes da pesquisa foi preservada. Portanto, os bolsistas serão identificados por meio de letras e números.

4.1 GRUPO FOCAL: PERFIL DOS PARTICIPANTES

Com a finalidade de apresentar o perfil dos estudantes bolsistas que se dispuseram a participar do grupo focal, expõe na sequência o Quadro 2. A nomenclatura dos seis participantes da graduação foi estabelecida por G1 a G6, já para os dois estudantes do mestrado M1 e M2, conforme consta no quadro 3.

De modo a facilitar a visualização do perfil dos entrevistados nesse estudo, no quadro 2 ele é apresentado de forma mais detalhada:

Quadro 2 - Perfil dos estudantes de graduação do curso de zootecnia, participantes de IC.

Entrevistado	Gênero	Idade	Fase	Período (Bolsista)	Foi Voluntário?	Início	Publicações
G1	Feminino	21	2°	5 meses	Não	2°	0
G2	Feminino	23	9°	3 anos	Não	3°	32
G3	Masculino	20	6°	5 meses	Sim	1°	9
G4	Feminino	25	9°	6 meses	Sim	4°	36
G5	Masculino	22	9°	1,5 anos	Sim	3°	42
G6	Masculino	21	8°	2,5 anos	Não	5°	16

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Conforme exposto no quadro acima, pode-se verificar que há paridade de gênero em relação aos estudantes de graduação do curso de zootecnia, participantes da IC e posteriormente do grupo focal. Tendo eles uma média de idade de aproximadamente 22 anos, o que os caracteriza como jovens que concluíram o ensino médio e logo em seguida ingressaram no ensino superior. Para se chegar aos resultados, foram selecionados estudantes de diferentes fases do curso de zootecnia, sendo eles respectivamente da segunda (2°) até a nona (9°) fase. Vale destacar que da totalidade de bolsas de IC destinadas a UDESC Oeste, o curso de zootecnia fica com o maior número em relação aos demais cursos. Posteriormente considerou-se o tempo usufruído de uma bolsa remunerada de IC. Constatou-se que o período variou de 5 meses a 3 anos, sendo o período no qual o participante foi voluntário não contabilizado.

Em seguida questionados se foram participantes da IC voluntária, metade dos participantes responderam que sim, atuaram como voluntário por certo período, como é o caso da entrevistada G4. Ela atuou por mais tempo que os outros, somando 3 anos de IC voluntária. Ao contrário disso a outra metade relatou não ter exercido IC voluntária. Como se observa no quadro 2, a maioria dos estudantes começou a IC nas fases iniciais da graduação, isso demonstra quão interessante é para eles desenvolver pesquisa, independente se na forma de voluntário ou bolsista. Além disso, a IC os ajudou na elaboração de artigos e participação em eventos, como observado no quadro 2. O Entrevistado G5 merece destaque, pois está finalizando o curso e com um período de 1,5 anos participando da IC, tem acumulado em torno de 42 publicações em eventos, revistas e resumos. Isso vem a colaborar com o objetivo da IC, na qual é projetar o estudante para o meio acadêmico, no caso deles continuar em sua pesquisa na pós-graduação, mestrado e doutorado.

Na sequência serão apresentados os dados correspondentes ao perfil dos estudantes do mestrado em zootecnia, os quais usufruíram da bolsa de IC remunerada, durante o desenvolvimento da graduação. Cabe ressaltar que os dois participantes, agora no mestrado, foram estudantes do curso de zootecnia da UDESC Oeste no período em que cursaram o ensino superior.

Com relação ao perfil destes participantes, podemos visualizar no quadro 3:

Quadro 3 - Perfil dos estudantes do mestrado em zootecnia, que participaram da IC.

Entrevistado	Gênero	Idade	Semestre	Período (Anos)	Foi Voluntário?	Início	Publicações
M1	Masculino	23	4°	2,5	Sim	5°	37
M2	Masculino	30	3°	3	Sim	3°	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Em relação aos participantes do grupo focal, advindos do mestrado, ambos são masculinos, sendo que o entrevistado M1 possui 23 anos. Este, já está na fase final do mestrado, vindo a concluí-lo ainda no primeiro semestre de 2019. Atuou como bolsista remunerado de IC por um longo período, totalizando 2,5 anos, além de ter atuado como voluntário de IC, por 0,5 anos.

Como mencionado pelos participantes do grupo focal, à falta de engajamento inicial para os estudantes, torna a entrada na IC mais desgastante, pois acabam fazendo parte dela não nas primeiras fases do curso, mas sim da metade em diante. Isso pode ter ocorrido com o entrevistado M1, que iniciou sua caminhada na IC, somente na quinta (5^o) fase do curso. Entretanto, nota-se que sua produção científica pode ser considerada proveitosa, pois teve durante a graduação 37 publicações em: revistas, congressos, seminários, simpósios e resumos.

Por sua vez, o entrevistado M2, na faixa etária de 30 anos, está no terceiro (3^o) semestre do mestrado, vindo também a concluir em 2019. Durante a graduação atuou como bolsista remunerado de IC por 3 anos, tendo participado também como voluntário por 1 ano. Iniciou sua trajetória na IC no princípio do curso, a convite do professor orientador. Quanto ao número de publicações a partir do desenvolvimento da IC, cabe destacar que das 25 publicações, a maioria são resumos, seguido de publicações em congressos e simpósios, a maioria direcionada a área da zootecnia.

Percebe-se que, a partir do contato inicial com a IC os estudantes desenvolvem mecanismos que os ajudam a tornar a rotina de estudos mais organizada e desafiadora. Isso decorre tanto para estudantes que desempenham suas atividades de forma voluntária como para aqueles que são bolsistas remunerados. Outro ponto que merece destaque refere-se à quantidade de publicações, sobretudo fruto da IC, mas também associada juntamente com outros fatores como a dedicação e audácia do estudante. Isto corrobora com visões de Pinto, Fernandes e Silva (2016), as quais reiteram que a IC desencadeia um processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências instigando também no estudante o interesse pela vida acadêmica.

4.2 PRIMEIROS PASSOS: ACESSANDO O MUNDO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Duas temáticas importantes serão tratadas neste tópico, a primeira demarca a trajetória do bolsista de IC, limite que ajuda compreender as motivações que desencadearam o envolvimento do estudante com as atividades da pesquisa. Já a segunda temática refere-se à

consolidação das motivações em relação à IC, na qual se busca entender os motivos que fizeram com que o bolsista adentrasse no mundo da IC, tendo em vista o lado acadêmico e profissional.

4.2.1 Trajetória do Bolsista de Iniciação Científica

Muito se pode conhecer em relação à trajetória do bolsista de IC durante a graduação. Pode-se verificar os motivos que o fizeram recorrer à IC remunerada, bem como compreender o significado da bolsa, de grande importância para a permanência do estudante na universidade, de acordo com os relatos dos participantes do grupo focal. Sendo que, conforme observado nos relatos a remuneração recebida em decorrência da participação em projetos de pesquisa é necessária para que o estudante possa dedicar-se exclusivamente a pesquisa e aos estudos.

Entender o contexto em que as bolsas remuneradas estão inseridas dentro da universidade é crucial para perceber uma série de fatores importantes que estão conectados com a prática do conhecimento. Esse conhecimento, em grande parte é transferido através das universidades por meio de instrumentos que encorajam e dão liberdade ao estudante em buscar o que mais convém ao seu perfil, sendo a IC um desses caminhos. Se tratando das bolsas de IC remuneradas, são disponibilizadas pelo CNPq e também pela UDESC. Cabe ressaltar que após o início do mestrado em zootecnia a UDESC Oeste, passou a contar com mais bolsas de pesquisa, proporcionando assim um aumento no número de participantes em projetos. Inclusive esse aumento pode ser constatado no evento da IC, ocorrido anualmente, em que houve crescimento na quantidade de trabalhos apresentados, comparando com anos anteriores.

Quanto à IC, a remuneração recebida é uma forma de incentivar os estudantes a adentrarem no recinto da pesquisa. Mesmo o valor não sendo considerado alto pelos estudantes (Recebem uma ajuda financeira mensal de R\$ 400,00), configura-se na visão deles como uma ajuda a mais, como afirma o entrevistado M1, ex-participante da IC e atualmente estudante do mestrado: “[...] *Quanto à bolsa é uma ajuda, uma contribuição a mais no nosso orçamento, [...]*”. Isso mostra que, não necessariamente precisam da bolsa para desenvolver a IC, contudo, a bolsa explica o que eles chamam de “*uma contribuição a mais*”, sendo um diferencial para participarem da IC.

Além disso, a remuneração proveniente da bolsa influencia na vida do bolsista, uma vez que os proporciona autonomia em suas decisões financeiras. Inclusive propicia aos

universitários custear suas próprias despesas, principalmente as que se refere à alimentação e mobilidade. Cabe destacar que na maioria dos casos os estudantes se deslocam até a universidade de transporte coletivo e fazem sua refeição nas redondezas do campus, visto que suas atividades ocorrem no turno matutino e vespertino. Esse cenário é evidenciado na fala dos entrevistados:

A bolsa remunerada me ajudou bastante na época da graduação, nos gastos pessoais. A iniciação científica foi uma porta pra isso, pois consegui começar a me sustentar, no período do almoço, pagar a lotação, pois eu morava no centro e a UDESC fica no Santo Antonio. (Entrevistado M2).

A remuneração, ela ajuda nos meus gastos pessoais, sem ficar dependendo de pedir dinheiro pra isso, pra aquilo. (Entrevistado G6).

Verificou-se como fator preponderante o fato dos estudantes buscarem a IC remunerada, pensando também na autonomia financeira, para gerenciar despesas e custos relacionados à vida acadêmica. Percebe-se nos relatos, que os estudantes não querem sobrecarregar seus pais financeiramente, ou seja, depender somente deles para subsidiar seus custos. Dessa forma, conforme o relato do entrevistado G1, ter autonomia financeira é um motivo que faz com que os estudantes busquem a IC:

A remuneração da bolsa, ela nos dá uma independência, eu particularmente aqui em Chapecó não dependo financeiramente dos meus pais. (Entrevistado G1).

Outro fator percebido que enaltece a IC é em relação à possibilidade de participação dos bolsistas em eventos ligados a pesquisa e também ao curso de zootecnia. Isso se torna possível em muitos casos, pelo fato deles receberem a bolsa remunerada e ainda demonstrarem interesse nesse tipo de atividade complementar à formação acadêmica. Participar em eventos fortalece e amplia o leque de conhecimento dos estudantes, além de fazer com que desvendem novos horizontes, no sentido de sair de sua área de atuação, buscando novos saberes. Nesse sentido, a bolsa atua como mediadora, pois proporciona aos estudantes a autonomia entre o querer e poder participar, como observado nos relatos abaixo:

A bolsa ajuda muito, até mesmo em eventos, né, às vezes a gente tem condição de participar por que tem a bolsa, se não fica complicado tu já depender dos pais, e ficar pedindo mais dinheiro para este tipo de coisa. (Entrevistada G4).

Nos eventos, nos dá uma autonomia maior para irmos aos eventos, você consegue decidir se vai ou não, sem depender muito dos pais para esse fator. (Entrevistado M2).

Com isso eles buscam a IC remunerada, que além de auxiliar financeiramente, também promove o aprimoramento e desenvolvimento de habilidades, como por exemplo: escrita e comunicação. O bolsista demonstrando interesse na busca do conhecimento e tendo força de vontade em buscar as oportunidades que a IC oferece, se qualifica a ponto de obter benefícios e experiências tanto acadêmicas como profissionais.

Durante a trajetória do bolsista na graduação, a possibilidade de ampliar os saberes nem sempre é possível devido à falta de tempo e a sobrecarga de tarefas. Entretanto, quem se dedica e quer fortalecer o currículo, com vista ao futuro profissional, opta por algo a mais, como um curso. Desse modo, o acadêmico além de desenvolver a IC, ainda frequenta outros métodos de aperfeiçoamento e crescimento pessoal, sendo exequível em função da bolsa recebida. Isso pode ser verificado nos relatos dos entrevistados, na qual o participante do mestrado cita que foi uma exigência o curso em inglês e que por meio da bolsa conseguiu realizar:

O inglês foi uma imposição quando eu estava no PET. A bolsa remunerada me auxiliou para que eu pudesse frequentar o curso. (Entrevistado M1).

No meu caso, depois eu comecei a fazer o inglês também, se não ia ficar muito pesado se eu tivesse que depender só dos meus pais. (Entrevistado G5).

Percebe-se que são vários os motivos que levam os estudantes a buscarem a IC remunerada. Pode-se destacar que um dos principais motivos refere-se ao fato do estudante buscar junto à bolsa, a autonomia financeira, uma vez que não desejam depender financeiramente de seus pais. Embora, nem sempre isso é possível, porém eles têm em mente que mesmo não sendo um valor alto, reduz a parcela que os pais necessitariam destinar para custeá-los. Cabe ressaltar que, além de custeá-los com as principais despesas, o valor decorrente da bolsa ainda os proporcionam a frequentarem cursos de aperfeiçoamento em línguas estrangeiras, como mencionado pelos participantes do grupo focal.

4.2.2 Consolidando as Motivações para Iniciação Científica

Sabendo que os estudantes de graduação chegam às universidades muito jovens e com pouca experiência tanto acadêmica como profissional, buscou-se compreender as motivações que levaram os estudantes a conhecer e adentrar no mundo da pesquisa.

A partir da condução do grupo focal, tornou-se claro que diferentes são os motivos que levam os estudantes a se interessarem pela IC. Considerando também que tal atividade é complexa e que exige dos estudantes várias habilidades de escrita, elaboração e comunicação,

inicialmente pode representar um desafio muito grande para alguns. Já para outros pode significar um atrativo, por proporcionar acesso e contato mais direto com professores, eventos ligados a IC e de vencer os próprios limites. Isso vem ao encontro das idéias defendidas por Teixeira, Vitcel e Lampert (2008), eles mencionam que a IC proporciona aos estudantes, descobertas agradáveis e o desenvolvimento de suas potencialidades.

Essa complexidade associada à busca do saber e ao prazer por encontrá-lo, pode ser observada no relato da entrevistada G2. Foi possível perceber que alguns estudantes já possuem pretensões e objetivos definidos e que já caminham com firmeza, visualizando na atividade de IC um futuro profissional:

Eu cheguei ao laboratório de solos, assim, por que convivi com amigos que trabalhavam lá, daí eu acabei começando a trabalhar lá, gostei, mas o intuito de trabalhar com iniciação científica era que o meu irmão sempre dizia, que só graduação não adianta, tem que tentar um mestrado, tem que tentar ir para frente, então foi mais por esse motivo que eu quis me engajar numa iniciação científica. (Entrevistada G2).

Já para as entrevistadas G1 e G4, a motivação que as levou ao interesse pela IC, partiu do princípio emocional atrelado ao fato do “gostar do que faz”, como mencionado em uma das entrevistadas. Nos dois casos o interesse pelo desenvolvimento da pesquisa foi determinante para que adentrassem no mundo da IC. A entrevistada G1, é recém-chegada na IC, pois está na fase inicial do curso, sendo assim seu motivo de participação é o apego e o gosto pela pesquisa. No caso da entrevistada G4, suas vivências anteriores ao ensino superior a fizeram se apaixonar pela pesquisa, fazendo com que na graduação desse sequência.

Nota-se que o interesse pela IC foi se consolidando a partir da consideração de diversos fatores, como por exemplo: estágios em organizações que desenvolvem pesquisa, importância e apego ao tema e também na busca de desenvolver soluções para melhorias nas condições de vida das pessoas. Isso pode ser observado na fala das entrevistadas:

A motivação para fazer iniciação científica vai de você gostar do que faz, mesmo que você se sinta cansado, mas se você se sentir atraído você vai fazer com amor e vai ser gratificante, compensa. No meu caso, o que me motivou foi o fato de eu gostar disso, da pesquisa, de estar ali envolvida com temas que são importantes a serem estudados. (Entrevistada G1).

Então, o meu interesse começou quando eu fiz técnico agrícola e eu botei na minha cabeça que eu ia fazer estágio na EMBRAPA em Bagé, consegui e na Embrapa é muito esse negócio de pesquisa, pesquisa. A EMBRAPA é isso, né. Então, lá foi quando comecei a me interessar, lá eu me apaixonei por aquilo lá eu comecei a publicar no meu técnico, eu participava, foi bem legal, eu comecei a gostar de lá então quando eu entrei na faculdade eu já sabia que era essa área que eu queria seguir. (Entrevistada G4).

Outros bolsistas, talvez sem muita noção da complexidade dessa atividade se envolvem com a IC, mais atraídos pela questão do valor proporcionado pela bolsa. Em muitos casos, a remuneração recebida acaba por ser fundamental para o estudante permanecer na universidade, evitando assim a evasão. É comum quando não conseguem bolsa, optarem por aderir a um trabalho formal e/ou estágio não obrigatório para obter renda, deixando de lado os estudos. A exemplo disso, abaixo consta os relatos dos entrevistados M1 e G6, em que mencionam o que chamou a atenção na hora de escolher pela IC:

[...] mas é aquele valor a mais no nosso orçamento enquanto a gente é aluno, então, acho que sim, a bolsa foi... ou a possibilidade da bolsa, daqueles R\$ 400, 00 foi um ponto determinante e que as vezes faz você escolher pela iniciação científica, aquele que você acha que tem um caminho mais curto para deixar de ser voluntário e ser bolsista. (Entrevistado M1).

No meu caso específico, eu pensei primeiramente na remuneração, pois eu queria ser independente financeiramente, não depender somente da minha mãe, pois moro com ela. (Entrevistado G6).

Aliado a falta de conhecimento acerca da complexidade da IC, muitos estudantes chegam às universidades sem saber direito o que querem. Isso muitas vezes pode resultar em algo até negativo. Entretanto com a força de vontade e o apoio dos professores o estudante pode vir a desenvolver o interesse pela pesquisa, pela IC e acabar se engajando em projetos de pesquisa. Conforme evidenciado no relato do entrevistado G5, nota-se que foi algo além das expectativas iniciais que o próprio detinha:

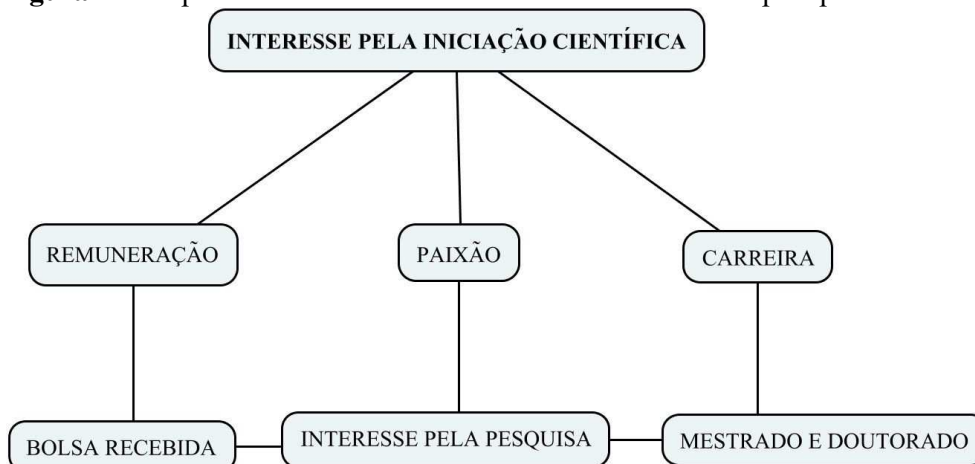
Eu na verdade, quando entrei, não tinha nem noção do que eu queria, nem sabia de pesquisa de nada e daí foi indo, cheguei na terceira fase, conheci o professor ali, não sabia como fazia para conseguir a bolsa, tentei a bolsa e daí foi por acaso que consegui entrar como voluntário, mas daí a partir do momento comecei a gostar, mas até então não sabia nada, nem sabia o que queria, mas depois que começou a ter mais contato, daí foi indo, veio as publicações, na verdade eu não tinha conhecimento no início. (Entrevistado G5).

Nesse relato, percebe-se que a prática da IC propriamente dita, não é abordada de maneira correta no ensino fundamental e principalmente no ensino médio. Isso faz com que o aluno chegue à graduação, sem mesmo saber o que significa o termo IC. Cabe ressaltar que o CNPq oferece bolsas de pesquisa também para alunos do ensino médio, porém por algum motivo a interação entre aluno e pesquisa não ocorre da melhor maneira, criando um obstáculo para a inserção do mesmo na IC.

O interesse para adentrar no mundo da IC, pode ser os mais variados possíveis. No caso dos entrevistados, estes revelam em suas falas o gosto pela IC desde cedo, juntamente

com a remuneração recebida e também pelo fato de estarem contribuindo com sua carreira profissional. Isso pode ser observado no mapa conceitual exposto por meio da figura 2:

Figura 2 – Mapa conceitual sobre os interesses dos estudantes pela prática da IC.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

O mapa sintetiza as principais palavras-chave que revelam o interesse do bolsista pela IC. Na qual alguns entrevistados relatam, num primeiro momento, o que chamou atenção para concorrer à bolsa IC, foi o valor da bolsa, pois essa remuneração auxilia os estudantes de diversas formas. Outros relatam também o gosto pelas atividades realizadas como bolsista de IC. E trazem também perspectivas para o futuro, já pensando na sua atividade profissional e nos próximos passos, a exemplo de cursar um mestrado e doutorado.

Percebe-se a existência de diferentes motivações, por parte dos estudantes, quando o assunto é a IC. Isso demonstra que a busca pela IC envolve diversos fatores, estes associados principalmente ao crescimento acadêmico e profissional. Pode-se constatar que o grupo de estudantes pesquisados já possui visão clara de futuro profissional. Eles têm foco e propósito.

Cabe ressaltar que cada estudante possui suas particularidades, prevalecendo assim divergentes interesses na busca pela IC. Ao contrário disso, em muitos casos pode ocorrer que o estudante adentre na IC, devido ao seu interesse contemplar a junção dos três itens expostos no mapa conceitual; remuneração, paixão e carreira. Em linhas gerais, para desenvolver a IC é fundamental que o estudante tenha apego pela mesma, já pensando em seu futuro, na qual o bolsista receberá em troca, entre vários fatores a remuneração, que o ajudará durante sua graduação.

4.3 INICIAÇÃO CIENTÍFICA: GRANDE IMPULSIONADORA DA CARREIRA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

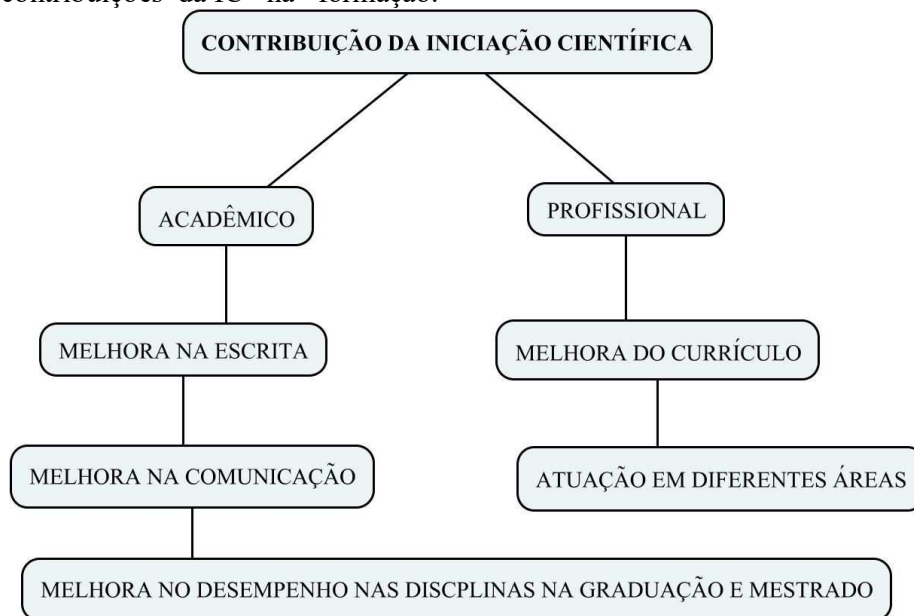
Neste tópico, dois conteúdos serão abordados, sendo eles: as contribuições da IC e a percepção do bolsista quanto aos desafios e oportunidades encontrados na IC. O intuito é analisar a percepção dos participantes sobre as contribuições da IC na formação, e retratar como a IC impulsiona a carreira acadêmica e profissional dos bolsistas.

4.3.1 As Contribuições da Iniciação Científica

A vivência como bolsista de IC, propicia ao estudante de graduação se desafiar, em atividades enigmáticas e complexas como: escrever, analisar e/ou fazer síntese de dados, apresentar trabalhos e exercitar a oratória.

Os entrevistados relataram acerca das contribuições da IC remunerada para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, destacando que as habilidades podem ser direcionadas mais à experiência acadêmica ou mais para a questão profissional. Porém é importante salientar que as contribuições advindas da IC se complementam e abrangem aspectos profissionais e acadêmicos, conforme se pode evidenciar neste estudo. Nesse sentido, houve diversos apontamentos, sendo grande parte ligados ao desenvolvimento acadêmico. Além disso, os participantes também mencionaram que através da iniciação, conseguem alavancar seu currículo, tendo mais oportunidades no mercado de trabalho. O mapa conceitual a seguir expõe um resumo das principais contribuições apresentadas pelos estudantes de zootecnia, atuais bolsistas e ex-bolsistas de IC remunerada da UDESC Oeste.

Figura 3 – Mapa conceitual sobre as percepções dos estudantes em relação às contribuições da IC na formação.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Conforme apresentado na figura 3, pode-se inferir que a atividade de IC proporciona aos estudantes inúmeras possibilidades de crescimento acadêmico e profissional. Dando ênfase no lado acadêmico, as análises permitiram concluir que estudantes que desenvolvem a IC apresentam melhor desempenho nas disciplinas que estudantes que não tiveram essa possibilidade, fato confirmado pelos professores orientadores. Isso acaba gerando ganhos mútuos, que vão desde o acadêmico, professor orientador, até a universidade, fazendo com que o dinheiro público que é investido gere benefícios para a sociedade. As outras contribuições são direcionadas desde a melhoria na comunicação, na escrita, até a atuação em diferentes áreas do conhecimento.

Com relação à escrita, durante a graduação os estudantes são instigados pelos professores orientadores a praticá-la por meio de publicações. Além disso, desenvolver pesquisa aperfeiçoa a escrita, fazendo com que o estudante aprimore tal habilidade. Isso pode ser percebido no departamento de pesquisa, na qual os discentes participantes da IC, a cada seis meses têm a obrigação de entregar um relatório parcial do seu projeto de pesquisa. Inclusive, nos eventos que ocorrem na UDESC, como por exemplo, o SEPE, os bolsistas têm o dever de apresentar os resultados do seu projeto de pesquisa, sendo necessário escrever um resumo e também criar uma apresentação, fortalecendo a escrita. Isso pode ser confirmado nos relatos dos entrevistados:

Já publiquei bastante e gosto muito de escrever, não só de escrever, gosto de fazer toda parte, pois a gente trabalha bastante o campo, é um conjunto. A escrita ela é incentivada pelo orientador e também por que temos que entregar relatórios do projeto e resumos quando vamos participar em algum evento. (Entrevistada G4).

Escrita é uma etapa, né, tipo, a gente normalmente tem a ideia de um projeto e daí a gente conversa com ele (orientador) e ele fala se é legal ou não, se tem como fazer e daí a gente toca o projeto, o nosso projeto, e daí nós nos ajudamos muito, a gente nunca faz nada sozinho e daí a gente toca projeto, depois pega os resultados, tabula e faz a iniciação e escreve o nosso projeto, é tudo uma sequência, tudo que a gente trabalha em cima a gente escreve. (Entrevistado G5).

Os estudantes do mestrado também confirmam isso. O entrevistado M1, afirmou: “[...] na IC tínhamos que escrever resumos, também era requisito para participarmos em eventos de pesquisa [...]”. Isso denota que melhorar as habilidades de escrita, influência nas decisões futuras, como é o caso do entrevistado M1, em que optou pelo mestrado e agora está tendo menos dificuldades na redação da sua pesquisa.

A respeito da percepção sobre a melhora na comunicação, na forma de se expressar, nota-se que a IC ela induz o estudante à perda da fobia sobre uma determinada ação. Inclusive por intermédio da IC, o estudante acaba por superar suas próprias limitações. O entrevistado G3, cita que no início não se sentia a vontade para uma apresentação, porém, após iniciar a IC isso foi superado:

Tanto que quando eu entrei, eu tinha vergonha de apresentar trabalho o cara é sempre um pouco envergonhado mesmo, hoje não tenho problema nenhum em apresentar, pode ser o que for. (Entrevistado G3).

No tocante das contribuições da IC na formação, as percepções são semelhantes entre os estudantes da graduação e do mestrado. Sendo que a grande maioria dos entrevistados afirma que em razão de participar ou ter participado da IC, conseguiu se sobressair em algumas atividades. Quanto à melhora no desempenho nas disciplinas, os entrevistados mencionaram que isso se dá em virtude de praticar a IC e que após iniciarem a mesma seus resultados foram ainda melhores, conforme destacado nos relatos:

Que também tu escreve, tu encontra uma menor dificuldade, assim, nessas matérias que tu tem que escrever mais, eu acho que tu consegue se sobressair melhor. (Entrevistada G2).

Depois que eu entrei na iniciação científica, e com passar do tempo eu senti menos dificuldade nas disciplinas, por que a iniciação ela nos leva a escrever mais, ler mais. Tudo isso fortalece a gente. (Entrevistado G6).

Eu acho que, te dá uma segurança maior no teu dia, pois tu chega na faculdade meio cru e a minha experiência com iniciação científica foi que eu me senti um

vegetal na faculdade, porque eu vinha para a aula, estudava para as provas, fazia os trabalhos e começou a faltar coisa no meu dia e foi aí que eu fui atrás da pesquisa em si para ocupar o meu dia e acabei gostando. (Entrevistado M1).

Acredito sim que há uma complementação do que a gente aprende na sala de aula, principalmente no nosso caso por ser uma área mais distinta da zootecnia, né. (Entrevistado M2).

Na percepção dos estudantes do mestrado, a IC no período da graduação atua como uma forma de preparação para a vida acadêmica, caso o estudante opte por continuá-la. Em relação ao mestrado na UDESC Oeste, grande parte dos ingressos são ex-alunos da própria instituição e com participação na atividade de IC. Destaca-se que, com base nos relatos dos mestrandos, a IC prepara o estudante para a pós-graduação, uma vez que os ensina e também mostra o caminho. Como argumento de contribuição os participantes do mestrado, apontaram que a IC os ajudou a chegarem fortalecidos na pós-graduação, como descrito abaixo:

Sim, pelo fato que você chega na pós-graduação com uma experiência melhorada. (Entrevistado M1).

Na pós-graduação faz muita diferença ter participado da iniciação científica. A iniciação científica te dá um combustível para entrar na pós-graduação, além de alavancar seu currículo. (Entrevistado M2).

Acerca das contribuições da IC no desenvolvimento profissional, pode-se evidenciar nos relatos que torna a entrada no mercado de trabalho mais fácil, ou seja, “abre portas”. De fato, estudantes que praticam a IC na graduação, têm maior facilidade na hora de adentrarem no mercado de trabalho, chegam mais preparados e qualificados para as constantes mudanças que ocorrem no mundo organizacional (TEIXEIRA; VITCEL; LAMPERT, 2008).

No que tange ao desenvolvimento profissional, a melhora do currículo foi um fato evidenciado pelos entrevistados. Em muitos casos isso se dá em razão dos estudantes, atuarem em áreas distintas a zootecnia, fazendo com que agreguem maior bagagem de conhecimento. Nesse sentido, possuindo conhecimento em diversas áreas, o estudante tem um diferencial em relação aos demais, tendo maior visibilidade na hora de buscar uma vaga de trabalho, como é o caso do entrevistado M1. Já o relato do entrevistado M2, reafirma que o conhecimento adquirido por meio da interação com novos temas é muito importante:

Essa semana fui conversar com um cara sobre uma vaga de emprego e no final da entrevista ele falou que eu tinha chance por que era uma vaga que está bastante ligada a produção vegetal e a nutrição de plantas, é uma coisa assim que se eu não tivesse ido para o laboratório de solos, com certeza eu não teria estudado este lado, fertilidade de solo e tudo mais eu não iria me encaixar na vaga. E o fato de eu

estar ligado ao laboratório de solos ia bem de encontro com o perfil da vaga de emprego que eu ia me candidatar. (Entrevistado M1).

[...] então a gente acaba às vezes caindo mais para o lado da agronomia, então é enriquecedor principalmente na área do conhecimento, então acaba te forçando a estudar um pouco mais, principalmente quando é uma coisa que tu não tem tanta realidade, principalmente para mim que vim de Florianópolis e não tem tanta realidade com a agricultura, então me despertou e eu tive que estudar um pouco mais, mas isso não é limitador, entendeu?. (Entrevistado M2).

Diante desses relatos fica evidente, principalmente no que tange a percepção sobre as contribuições, que a participação na IC é um diferencial na graduação. O entrevistado G6, afirma que a iniciação “*Abre as portas na verdade, por que a iniciação... nos experimentos que a gente faz a gente coloca em prática o que a gente vê na sala. O que tu vê na sala tu vai estar fazendo o experimento depois, tu tá vendo, a eu faço isso aí na prática*”. Isso reforça a ideia de que é necessário haver uma complementação entre teoria e prática nas universidades, não deixando de fora o tripé do conhecimento, constituído pelo ensino, pesquisa e extensão.

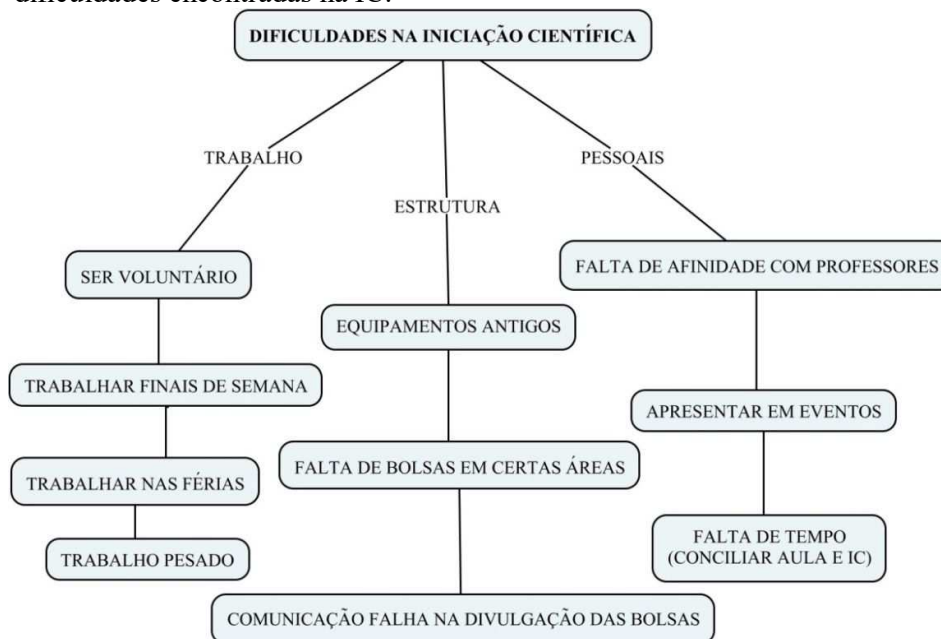
4.3.2 Percepção do Bolsista: Desafios e Oportunidades na Iniciação Científica

O contexto que envolve a gestão de bolsas de IC na universidade abrange tanto a questão de distribuição de recursos públicos, parcerias com agências de fomento como CNPq, gestores, técnicos, professores, seleção de bolsistas, programa: plataforma da pesquisa. Para os bolsistas contemplados proporciona a vivência com colegas, professores e com professores orientadores. Essa rede de ações revela vários entraves, dificuldades, barreiras, porém proporcionam aos estudantes oportunidades e aprendizado. Sobre esta questão os atuais e ex-bolsistas IC, relataram os principais desafios e oportunidades vivenciados por eles na IC.

No que se refere aos desafios, à fala dos estudantes remete também a questão da política de IC realizada pela equipe de gestão da universidade. As prioridades e a forma de gerir esse importante aspecto da pesquisa na instituição, que são: os editais de IC publicados anualmente, a destinação de recursos através de diferentes modalidades de bolsa, especificando o tipo de pesquisa realizada, as parcerias realizadas com instituições de fomento, exemplo: CNPq e FAPESC.

Diante de diferentes perfis de estudantes, a IC pode representar medo e ao mesmo tempo trazer consigo dificuldades, as quais ao longo do tempo a partir da experiência vivida na atividade IC também podem ser reinterpretadas como oportunidades. Veja o mapa conceitual na figura 4, tratando disso.

Figura 4 – Mapa conceitual sobre as percepções dos estudantes em relação às dificuldades encontradas na IC.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Observa-se na figura 4 que há diferentes percepções acerca das dificuldades encontradas na atividade de IC. Isso permite apurar que os obstáculos citados em muitos casos se tornam oportunidades para o enfrentamento de diferentes desafios.

Uma das dificuldades apontadas foi em relação ao trabalho voluntário, cujo estudante não recebe remuneração para desempenhá-lo. Alguns estudantes citaram que para ser bolsista é preciso ter experiência como voluntário, pois geralmente tem vários estudantes trabalhando nos laboratórios. Os professores pesquisadores optam por dar oportunidades para os mais antigos, sendo que há uma “ordem de chegada” agindo como um combinado e/ou consenso para ser o selecionado, e também conforme a escolha do professor em decorrência do perfil do estudante, que remete a sua dedicação e envolvimento com a pesquisa.

Grande parte dos entrevistados mencionou que ser voluntário é contraditório, pois pode ser ao mesmo tempo bom e ruim. Bom porque é uma caminhada para ser o “escolhido” para receber a próxima bolsa, mas trabalhar sem receber também é difícil visto que muitos dependem da bolsa para sua permanência na universidade. Isso pode ser observado nos relatos dos entrevistados:

No aviário é difícil buscar voluntários devido a ser um trabalho mais corrido, por que os alunos pensam “a eu vou lá trabalhar como um escravo e não vou ganhar nada” a não quero. (Entrevistada G1).

Quando eu comecei, entrei como voluntário no LANA, e acabei ficando por lá 1,5 anos. Depois fui convidado pelo colega para ser voluntário no aviário, daí no segundo (2) mês de voluntário já veio a notícia que no próximo mês eu ia ganhar bolsa. (Entrevistado G3).

É difícil o professor que você chega na porta, e já ganha uma bolsa sem nunca ter trabalhado com ele [...] assim o professor conhecerá seu perfil diagnosticando assim, se o mesmo tem capacidade de trabalhar no projeto. Um exemplo disso sou eu, pois fiquei um ano e meio sem bolsa. (Entrevistado M2).

Além disso, os entrevistados expuseram que durante o período que atuaram como voluntário sofreram preconceito por parte de estudantes que desconhecem “o mundo da pesquisa” por trabalhar de forma voluntária, sem compreender que o participante voluntário está se preparando e adquirindo experiência. Cabe ressaltar que ser voluntário pode ser a porta de entrada para conseguir uma bolsa, e que esse processo proporciona ao estudante habituar-se a dedicação e ao esforço para conseguir seus objetivos, pois quem exerce uma atividade como voluntário reflete o empenho do estudante com sua formação acadêmica.

Nota-se que essas dificuldades ficam evidenciadas nas falas dos entrevistados:

[...] pois eu tinha vontade de trabalhar lá com iniciação e daí fui pra lá, daí eu falei que já tinha bolsa, que não precisava, então eu consegui como voluntário por que tinha PRAPE, aí depois eu perdi a bolsa PRAPE, daí que o professor falou que eu precisava de uma bolsa, aí depois surgiu uma e eu fui contemplada. (Entrevistada G4).

Eu lembro principalmente quando eu estava no LANA, que eu fiquei bastante tempo, passava final de semana e tudo mais, né, e quantos vinham tirar sarro, para, você é louco de ta lá, daí de tanto que eu ajudei o professor, daí saiu essa oportunidade e foi aí que ganhei a primeira bolsa. (Entrevistado G5).

[...] as vezes a gente escuta muito, por exemplo você entra de voluntário e num sábado tem que ta lá trabalhando ou num dia de semana tendo que ficar até as sete ou oito horas da noite e aí depois no ciclo de amigos alguém diz, i você trabalhando até oito horas da noite pra não ganhar nada, então isso até começa a perturbar a cabeça as vezes e o cara começa a pensa, bah, eu estou lá me esforçando e não ganho, enquanto o outro não ganha mas também não faz nada, vai lá e cumpre os requisitos da disciplina. Tem que ver a importância disso, apesar de não estar ganhando nos primeiros meses, tem que ter bastante consciência do quão importante isso é. (Entrevistado M1).

Dentre todas as atividades de IC desenvolvidas no curso de zootecnia da UDESC Oeste, algumas demandam maior empenho por parte dos bolsistas. Pode-se elencar que as atividades ligadas ao aviário e ao criatório de peixes, necessitam de trabalho humano durante os sete dias da semana, em razão da alimentação e cuidados com os animais. É importante destacar também que algumas atividades são consideradas um trabalho mais “pesado” por

exigir do estudante em algumas vezes esforço físico, um trabalho considerado “sujo” por ter que limpar o aviário, coletar dejetos, fazer ração por exemplo.

Desse modo os bolsistas, em alguns casos precisam trabalhar nos finais de semana, à noite e também no período de férias, para desempenhar a sua atividade conforme estabelecido em seu plano de trabalho. Assim na percepção do bolsista G2, isso é visto como uma dificuldade. Essa dificuldade pode revelar também uma oportunidade do estudante vivenciar a prática do curso de zootecnia em áreas diferentes, ou seja, podem descobrir suas habilidades e afinidades com algumas áreas, por exemplo, mais afinidade em trabalhar com peixes ao invés de bovinos. Neste caso os bolsistas relataram que vão em busca de oportunidade nas áreas que mais tem afinidade e que a persistência em ser bolsista está mais relacionada a área de atuação e relacionamento com o professor orientador. Não há relatos de desistência da atividade IC em decorrência do trabalho voluntário, cansativo, fora do horário ou outras dificuldades citadas:

É de extrema importância a bolsa para o acadêmico que está cursando, porém os acadêmicos pouco se interessam pelas bolsas que a UDESC tem, querendo ou não participar de um projeto de iniciação é puxado, fazer ração, cuidar final de semana, nas férias a gente vai ter que estar na universidade. É um compromisso assumido. (Entrevistada G2).

Dentre as dificuldades apontadas pelos entrevistados, houve alegação quanto à estrutura dos laboratórios de IC. Grande parte das pesquisas é gerada nos laboratórios, porém, devido à falta de equipamentos, acabam por inviabilizar alguns estudos. Além disso, da existência de equipamentos antigos, juntamente com a estrutura deficitária de alguns laboratórios prejudicam o andamento das pesquisas e também afetam o interesse dos professores em buscar novos bolsistas.

Denota-se com base nos relatos, que as estruturas dos laboratórios, são importantes para atrair os estudantes e também para promover oportunidades de crescimento, como exemplificado pelos entrevistados:

Vai também da estrutura dos laboratórios, pois a estrutura também atrai os alunos, a participar do projeto. Tem casos que o professor gostaria de ter mais bolsistas, mas a estrutura não ajuda daí não tem como. (Entrevistado M1).

Alunos não tinham o que fazer, ficavam lendo artigos para debater com o professor, pois não tinham estrutura, agora tem, o que é bom para nós. (Entrevistado G6).

Ao adentrar na universidade, alguns estudantes das fases iniciais são inexperientes, para, por exemplo, fazer um contato com o professor orientador para se inserir em um grupo de pesquisa ou em um projeto de IC. Essa inexperiência somada à falha de comunicação do setor responsável pela pesquisa com os estudantes prejudica o acesso a IC já nas fases iniciais. Isso pode ser percebido nas falas dos entrevistados:

Quando eu entrei parecia que era mais disputado, pois não tinha tanta vaga e a comunicação era falha em relação às bolsas que tinham disponíveis. Eu quando entrei não sabia nem pra onde ia, por que os laboratórios eram tudo fechado, cheios de gente, não era tão aberto, olha tem uma vaga aqui, tem ali. (Entrevistado G5).

[...] A orientação inicial para os calouros é muito importante para desenvolver o interesse pela iniciação científica. A divulgação é importante no início. (Entrevistado M1).

Entretanto essa dificuldade pode ser minimizada, com a utilização de estratégias de divulgação dos editais de pesquisa, tanto com ferramentas da internet (site e redes sociais) como também através do contato direto com os estudantes, por exemplo passar nas salas de aula explicando sobre as possibilidades de bolsas, em alguns casos os próprios bolsistas podem desempenhar essa função de auxiliar na divulgação. Essa orientação inicial pode ser observada na fala abaixo:

Eu acho importante aquilo que o PET faz, pois eles fazem visita a primeira fase, divulgando os laboratórios e instigando os alunos a participarem de projetos de IC. Conheço alunos que iniciaram trabalhos em projetos inicialmente como voluntário na segunda fase e posterior conseguiram bolsa até o final do curso, por isso é importante esse engajamento inicial do aluno. (Entrevistado M1).

Essas estratégias são alguns exemplos de ações que a instituição pode implementar para atrair o interesse dos estudantes IC. Destaca-se também que a instituição oferece recursos financeiros para o estudante participar de eventos científicos, como o Edital de Apoio Discente, publicado anualmente. A instituição também organiza um evento científico que envolve toda a comunidade acadêmica para apresentação dos trabalhos científicos desenvolvidos no ano pelo bolsista e seu orientador, o SEPE.

Associada a esse fato, na percepção dos entrevistados a falta de bolsas em certas áreas da zootecnia é um dos grandes empecilhos encontrados na IC, mas isso não afasta o estudante da IC, muito pelo contrário acaba sendo uma oportunidade para ele entrar na IC, mesmo que atue como voluntário, pois conforme exposto acima, atuar como voluntário é a porta de

entrada para obter a bolsa. Essas percepções relacionadas à divulgação e a falta de bolsas em algumas áreas ficam claras nos relatos dos entrevistados:

Eu acho que tem muitas bolsas na UDESC de iniciação, porém em certas áreas faltam bolsas, como é o caso do LANA. (Entrevistada G2).

Eu fiquei esperando a bolsa de iniciação por muito tempo, sem receber outra bolsa, tentei o PRAPE, mas não consegui e mesmo assim fiquei lá como voluntário. (Entrevistado G3).

Quando nós entramos eu entrei com bolsa por que tinha PRAPE, mas os meninos também não ganharam de início o professor deixou um tempo pra depois da a bolsa. (Entrevistada G4).

Eu entrei, por exemplo, como voluntário, por que não tinha muitas bolsas naquela época. (Entrevistado G5).

Eu me candidatei a uma bolsa de iniciação científica, e também coloquei que mesmo se eu não ganhasse bolsa eu gostaria de ser voluntário, caso não fosse selecionado, isso foi o diferencial para mim ganhar bolsa. A gente ficou empatado aí resolvemos por dividir a bolsa, R\$ 200,00 cada um. (Entrevistado G6).

O relacionamento interpessoal, entre bolsista e professor orientador é fundamental para que as expectativas dos bolsistas relacionadas à IC sejam alcançadas. Conforme expõe o entrevistado M1 “*A questão pessoal é muito importante*”, uma vez que o contato entre o bolsista e o professor orientador é algo inerente a prática da IC. A falta de afinidade entre ambas as partes, é exposta pelos entrevistados como uma dificuldade, em que pode até mesmo fazer com que o estudante não aceite atuar como orientado de certo professor, isso fica evidenciado no relato do entrevistado G6 “*Eu, por exemplo, acho que não me encaixaria trabalhar com certos professores. Talvez recusaria uma bolsa se tivesse que trabalhar com certos professores*”. Nota-se ao longo das falas, que o bolsista muita das vezes acaba dando mais importância para o lado pessoal do que em relação à própria área de atuação, isso se dá, talvez pelo fato do bolsista não querer sair da sua zona de conforto.

Quando um voluntário da IC acaba por ser contemplado com uma bolsa de IC remunerada, este indica outros estudantes para ocuparem seu antigo posto como voluntário nos projetos ligados a IC. No entanto, sob a percepção dos entrevistados, isso se caracteriza como um desafio a ser enfrentado, pois a dificuldade para achar outra pessoa para repor em seu lugar é enorme. Como se observa o fato de não aceitarem o convite, está estritamente ligado a apresentação em eventos da IC, pois quem desenvolve atividade voluntária é incentivado que apresente os resultados de seu trabalho, por exemplo, no SEPE. Nesse sentido seria interessante que os estudantes avistassem nesse desafio uma oportunidade de crescimento, principalmente

pessoal, pois a arte de falar em público é essencial para quem quer ser uma pessoa de sucesso. Essas dificuldades podem ser percebidas nos relatos dos entrevistados:

[...] e também uma dificuldade foi achar uma outra pessoa no meu lugar, por que duas pessoas não quiseram, justamente por causa da apresentação do SEPE, que as pessoas tem muito medo de falar lá na frente e... é uma coisa preocupante isso, imagina duas pessoas já de cara não aceitaram por causa da apresentação do SEPE. (Entrevistada G2).

Muitas vezes tem gente que faz questão de não entrar, por causa que tem que apresentar no SEPE, tem que apresentar.. mas é bem enriquecedor. (Entrevistado G5).

A conciliação entre, desenvolver a atividade de IC e frequentar as aulas, representa um desafio para os estudantes. Pode-se destacar que no decorrer dos discursos, os entrevistados expuseram que se sentiam bem em ficar até mais tarde praticando a IC. Em meio a esse obstáculo de conciliar a IC com as outras atividades, surge a oportunidade para o bolsista no sentido de superar suas dificuldades, tornando-se uma pessoa mais qualificada para atuar nas organizações. Visto que as organizações estão cada vez mais buscando pessoas com múltiplas habilidades e ágeis em relação às atividades. Diante disso, os entrevistados evidenciaram que:

Um desafio que eu vejo por mim, é a questão de conciliar às vezes, tem que deixar de ir em uma aula para ficar no laboratório, para ir no aviário, para socorrer alguma coisa, então essa questão seria um desafio, a gente ta perdendo uma aula que não poderia e vai ta em função da tua bolsa. Mas é uma questão que da para conciliar. (Entrevistada G1).

Meu orientador não quer que eu falte aula para fazer pesquisa, só que isso é praticamente impossível. Se eu ficar até 8:00, 9:00 horas da noite, eu me sinto bem aqui. É gratificante tu estar gostando do que faz. (Entrevistado G3).

[...] por causa que a gente tem que conciliar ao mesmo tempo que tá fazendo os experimentos com as matérias, daí talvez a gente deixa de ir em algumas aulas para fazer experimento, ou ao contrário. Em questão teórica as aulas são muito boas para conciliar com os experimentos, mas em questão do tempo na prática é puxado. (Entrevistado G6).

Diante do exposto, podemos deduzir que um desafio e/ou uma dificuldade podem resultar em uma oportunidade ao bolsista, para isso, houve um aumento no número de bolsas de IC na UDESC Oeste, fazendo com que cada vez mais os estudantes tenham a chance de participar desse importante processo. Suporte para isso a UDESC Oeste dispõe, pois conforme o entrevistado G5 “*Comparando com outras universidades, a UDESC faz muito bem esse quesito.*” Desenvolver a atividade de IC, se mostra uma ferramenta importante para moldar a sociedade como um todo, entretanto a realização pessoal em saber que seu trabalho foi reconhecido é uma das conquistas principais, como relatado pelo entrevistado G6 “*A*

conquista é você trabalhar, fazer o experimento e depois ver teu trabalho publicado na revista, essa é conquista principal”.

Nota-se que por intermédio da IC, diferentes oportunidades podem surgir para o estudante. De acordo com os relatos, na figura 5, encontram-se as principais.

Figura 5 - Mapa conceitual sobre as principais oportunidades encontradas na IC.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Conforme exposto na figura 5, percebe-se que há diferentes oportunidades para os estudantes inseridos na IC. Cabe destacar que em muitos casos, essas oportunidades se originam dos desafios e/ou dificuldades enfrentados no cotidiano do bolsista. Com relação à categoria trabalho, pode-se destacar que, criar afinidade com certas áreas, estudar determinado assunto, melhorar desempenho no curso e conhecer lugares, professores e instituições, são algumas das oportunidades. Essas oportunidades estimulam o bolsista a se familiarizar com certas áreas do curso, e ao mesmo tempo instiga o desejo de conhecer novos lugares, instituições, que podem acabar por ser o local onde ele vai desenvolver sua pós-graduação, por exemplo.

Já a categoria pessoal, refere-se a, atuar em um grupo de pesquisa, representar a universidade, ser reconhecido, ganhar prêmios e desenvolver autoconfiança e autoestima. É de grande valia para o bolsista ter a oportunidade de representar a universidade em um evento, pois está se desafiando e fortalecendo seu vínculo com a instituição. Além disso, o bolsista está mostrando a si mesmo que pode vencer suas limitações, além de fortificar suas potencialidades. Nessa categoria, pode-se dizer que as oportunidades geradas, são

fundamentais para que o bolsista não perca o foco e sim desenvolva cada vez mais o desejo por continuar na IC.

No que tange o lado profissional, as oportunidades caracterizam-se como, melhora no currículo, ser “expert”, possibilidade de estágios e intercâmbios e ainda contribuem para o bolsista adentrar na pós-graduação. Nesse sentido, as oportunidades corroboram com o bolsista que além de se tornar um “expert”, ou seja, saber muito em diferentes áreas, ainda o possibilita alavancar seu currículo por meio de estágios, intercâmbios e também o ajuda caso deseje seguir na carreira acadêmica.

Muito além de apenas buscar ocupar o tempo do estudante, a IC na graduação se configura como um processo em que orienta o estudante a seguir seus anseios e motivações. Cabe destacar que a IC, além de contribuir com a carreira acadêmica e profissional, contribui também no sentido pessoal, já que instiga o bolsista a vencer suas limitações. Sendo a UDESC Oeste a “ponte” que conecta o estudante a atividade de IC. Apesar de desafios, as expressivas oportunidades oferecidas pela IC contribuem significativamente para formação dos bolsistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A IC remunerada ou voluntária, desenvolvida na graduação colabora com o aprendizado dos estudantes, e também os orienta em relação ao seu futuro, pois mostra direções que contemplam tanto o lado acadêmico como o profissional, indo do perfil do estudante qual caminho seguir. Nesse sentido, estudantes que praticam a IC remunerada, além de usufruírem da bolsa, optam por desenvolvê-la, com vistas ao futuro.

Sabe-se que, a IC desenvolvida na graduação, contribui em vários aspectos com os estudantes. Essas contribuições vão desde o valor recebido em virtude da bolsa até o conhecimento adquirido, por meio da participação em projetos de pesquisa. Uma característica peculiar da IC é o fato de instigar nos bolsistas, o desejo de trabalhar com o que mais lhe chama a atenção, fazendo com que o bolsista desenvolva seus trabalhos de maneira que se sinta bem, fortalecendo suas pretensões, uma vez que os motiva a praticar a IC.

Nesse contexto, a fim de atender o objetivo geral, foi utilizada a técnica de coleta de dados conhecida como grupo focal, juntamente com a aplicação de um questionário, e também se utilizou da observação participante, visto que o pesquisador desenvolve estágio na UDESC. Mediante critérios de seleção, estudantes da graduação e do mestrado em zootecnia, participantes e ex-participantes da IC remunerada, participaram da entrevista, na qual através da intensidade e profundidade dos relatos, permitiu mensurar as contribuições e percepções acerca da IC desenvolvida.

Primeiramente, buscou-se identificar o perfil dos estudantes da graduação e do mestrado, participantes nos programas de IC remunerada da UDESC Oeste. A metade deles desempenhou atividades de IC voluntária, antes de obterem a bolsa. Convém destacar que a maioria dos bolsistas adentrou na IC, nas fases iniciais da graduação. Um resultado importante foi em relação às publicações em revistas, eventos e também resumos, pois para alguns a quantidade é considerada expressiva diante do fato de desenvolverem a IC. Entretanto, o número de publicações para quem está no início da graduação e conseqüentemente nos primeiros meses na IC, são inferiores aos demais.

Em relação ao perfil dos participantes do mestrado, ambos atuaram como voluntários de IC quando alunos da graduação, entretanto, adentraram na IC na metade do curso em diante. Quanto às publicações, os dois detêm números expressivos, remetendo a IC como uma importante ferramenta de desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico. Outro fator, no que se refere ao perfil dos participantes, foi o fato dos entrevistados, receberem o convite do

professor orientador para atuarem como bolsistas remunerados, isso pode se dar em razão da afinidade entre bolsista e orientador.

No que tange as motivações que fizeram com que os bolsistas se interessarem pela prática da IC, evidenciou-se vários motivos que atraem o bolsista. Cabe destacar que para cada bolsista há motivos diferentes que o fizeram buscar a IC, porém, todos convergem para o mesmo sentido. Com base nos relatos, foi possível elencar as principais razões que os levaram a ter interesse pela IC. Desse modo, elencaram-se três motivos principais. O primeiro refere-se à remuneração, pois a bolsa recebida em decorrência da atividade os ajuda a custear as despesas pessoais e também permanecer na universidade. Já o segundo motivo, diz respeito à paixão pela IC, ou seja, interesse e apego pela prática da pesquisa. O último motivo trata da carreira, uma vez que os participantes expuseram que o motivo que os levou a IC, foi devido ao fato de já estarem pensando no mestrado e no doutorado.

Depois de verificado os motivos, pelo qual os alunos buscam a IC, apuraram-se as percepções sobre as contribuições da IC na formação. No que diz respeito sobre as percepções no âmbito acadêmico, as contribuições apontadas por ambos os participantes mencionam, melhora na escrita e na comunicação, resultando em um melhor desempenho nas disciplinas cursadas. Em seguida, sobre as contribuições da IC na formação profissional, pode-se destacar a melhora no currículo e a atuação em diferentes áreas. Vale salientar quanto às contribuições na esfera profissional, que estas são advindas na maior parte dos mestrados, pois estes já passaram por situações empregatícias que por terem atuado em diferentes áreas durante a IC, tiveram maiores chances em relação a outros candidatos.

Diante do exposto, pode-se dizer que as percepções dos entrevistados são convergentes, ou seja, caminham na mesma direção. A IC tem como propósito atuar como impulsionadora tanto no lado acadêmico como no profissional. Isso ficou evidente nos relatos obtidos, pois além de fomentar melhorias na escrita e comunicação, também auxilia o estudante a tornar seu currículo mais atrativo. Cabe ressaltar que as percepções provenientes dos bolsistas, participantes da IC pela primeira vez, são menos consistentes quando comparadas aos das fases finais ou do mestrado.

Ainda sobre as percepções relatadas, houve apontamentos em relação às dificuldades encontradas na IC. Essas dificuldades dividem-se em três categorias maiores; trabalho, estrutura e pessoais e subdivide-se em categorias menores. Com relação ao trabalho, as principais dificuldades encontradas são; trabalhar finais de semana, nas férias, trabalho pesado e não receber bolsa. Quanto à estrutura para a prática da IC, equipamentos antigos, falta de bolsas em certas áreas e comunicação falha na divulgação das bolsas, foram às principais

dificuldades sinalizadas pelos bolsistas. Além disso, a questão pessoal é muito importante na hora de aceitar uma bolsa, isto é, a falta de afinidade com professores, o medo de apresentar-se em público e a falta de tempo para conciliar a atividade de IC com as atividades de sala de aula, podem ser um obstáculo.

Com base nos resultados alcançados, percebe-se a importância de incentivar os estudantes a buscarem a IC, mesmo que voluntária, pois atuar como voluntário de IC é a porta de entrada para conseguir uma bolsa. Como exposto no decorrer do trabalho, com o desenvolvimento da IC, surgem inúmeras contribuições para o estudante, que os fortalecem na busca do conhecimento e no crescimento acadêmico e profissional. Cabe ressaltar que estudantes chegam à IC com objetivos mal formulados e no decorrer do tempo que estão inseridos nela, reformulam seus objetivos com mais audácia que os acaba direcionando, haja vista seu futuro profissional.

Com o desenvolvimento deste estudo, percebeu-se que a UDESC enquanto instituição fomentadora da IC procura por meio de ações fortalecer e expandir a pesquisa. Inclusive, após o início do mestrado em zootecnia, houve ampliação no número de bolsas de IC, refletindo em um maior engajamento dos estudantes. A UDESC, também oferece oportunidades aos bolsistas para alavancarem seus conhecimentos e suas competências por meio de eventos e cursos. Entretanto, conforme observado atualmente, devido à recessão que o país se encontra e a má gestão dos recursos públicos, o corte de recursos destinados à educação acabam privando os estudantes da rica oportunidade de vivenciar a IC.

A UDESC tem como compromisso a disseminação de práticas que visem o desenvolvimento do tripé do ensino, formado pelo ensino, pesquisa e extensão. Desse modo, ampliar o quadro de bolsas é fundamental para instigar e promover nos estudantes o desejo de ser um agente de mudanças, na qual por intermédio de ações, visem criar soluções e melhorias para a sociedade, como é o caso das pesquisas desenvolvidas em relação ao melhoramento animal, pois com menos produzir mais, ou seja, aperfeiçoar a produção.

Em suma, constata-se que as percepções dos participantes sobre a IC são convergentes, e que por meio do desenvolvimento dela, os bolsistas tem diversas contribuições e oportunidades. Torna se possível observar que às contribuições advindas da IC, impulsionam o discente ao aprimoramento das competências pessoais. Essas competências acabam por ser um diferencial, quando o estudante optar por um mestrado, doutorado, ou pelo mercado de trabalho. Conforme abordado na teoria e visto na prática, quem desenvolve a IC, possui maiores chances em relação aos demais, pois adquirem uma

fatia maior de conhecimento. Adentrar na IC é um desafio, porém, ao mesmo tempo é uma oportunidade do estudante impulsionar suas decisões e fortalecer seus objetivos como pessoa.

Por fim, sugere-se novos estudos, com uma abordagem direcionada aos estudantes bolsistas de IC dos cursos de enfermagem, engenharia de alimentos e química da UDESC Oeste. Desse modo, podem-se efetuar comparações entre cursos, com o intuito de melhorar os processos que dizem respeito à distribuição de bolsas de IC. Também se sugere verificar quais são os motivos que levam os estudantes a desenvolverem atividades de IC voluntária, pois, geralmente quem desenvolve a IC voluntária consegue bolsa. Outros métodos de coleta de dados também podem favorecer novos resultados, além desses encontrados nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dalci. Mendes.; VARGAS, Alzenir. José. de; RAUSCH, Rita. Buzzi. Relação entre ensino e pesquisa em controladoria nos cursos de pós-graduação stricto sensu em Ciências Contábeis brasileiros 2011. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – ANPCONT, 5, 20 a 22 de junho de 2011, Vitória/ES. Anais... Vitória/ES: ANPCONT 2011.

ALMEIDA, Luiz Eduardo de; PEREIRA, Marília Nalon; OLIVEIRA, Valéria de. Governador Valadares (MG) em Extensão: Interfaces para a Dinamização e Instrumentalização do Cenário Extensionista em um Campus Recém-Implantado. **Rev. bras. educ. méd.**, v. 40, n. 4, p. 743-750, 2016.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARCELOS, Renato Hubner. **Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens**. 2010. 231 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei das diretrizes e bases da educação – Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.html. Acesso em: 04 out. 2018.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27. Caxambu, 2004. Anais... Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. **Iniciação Científica**. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/iniciacao-cientifica>. Acesso em: 15 set. 2018.

COLLIS, Jill.; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CORREIA, Ana Maria Ramalho; MESQUITA, Anabela. **Mestrado e doutoramentos: estratégias para elaboração de trabalhos científicos: o desafio da excelência**. 2. ed. Porto: Vida Econômica, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=MSTYBAAAQBAJ&pg>. Acesso em: 18 jan. 2019.

CUNHA, Maria Isabel; BROILO, Cecília. Qualidade da educação superior: grupos investigativos internacionais em diálogo. **Araraquara: Junqueira e Marins**, 2013.

DA SILVA CORDEIRO, Filomena Maria Gonçalves et al. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista brasileira de educação**, v. 14, n. 41, p. 269-280, 2009.

DIEHL, Bianca Tams; TERRA, Elisa Lübeck. A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão: do legal ao real. **Revista de Humanidades**, v. 28, n. 2, p. 166-185, 2017.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 14, n. 1, p. 26-32, 2010.

FERNANDES, Tatiana Brandão; DE QUEIROZ BESSA, Amanda; DA SILVA, Edinara Sobrinho. **A Iniciação Científica Na Universidade Federal Do Amazonas**: um estudo do perfil e das perspectivas dos discentes de biblioteconomia que ingressaram no PIBIC entre os anos de 2010 a 2012. 2013.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução Roberto Cataldo Costa.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2 ed. Brasília: Plano Editora, 2003.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LONGHI, Solange Maria; RAMOS, Maria da Graça Gomes (Org). **Universidade e pesquisa: espaços de produção do conhecimento**. Pelotas: Editora e Gráfica UFPel, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019.

GRAY, David. E. **Doing research in the real world**. 3.ed. Londres: Sage, 2014.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução Roberto Cataldo Costa.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Anna Cecília Chaves; RAMOS, Anatólia Saraiva Martins. GRUPOS FOCAIS DESENVOLVIDOS EM CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO: UM ESTUDO COM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. **INTERFACE**, v. 11, n. 2, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LORD, Lucio José Dutra. A iniciação científica e a publicação na graduação como meios de qualidade na formação de ensino superior: uma entrevista com José Roberto Rus Perez. **Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 4, p. 115-121, 2014.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Saete Linhares; (orgs). Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 04 out. 2018.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 14, p.269-393, ago. 2009.

NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz. **Iniciação científica e seus impactos na formação acadêmica superior**: um estudo de caso em Sergipe (1995-2008). 2011.

PINHEIRO, José Mauricio dos S. **Da iniciação científica ao TCC**: uma abordagem para os cursos de tecnologia. Ciência Moderna, 2010.

PINTO, Natália Lúcia Da Silva; FERNANDES, Laura Maria Abdon; SILVA, Fabiana Ferreira. Para Além Da Formação Acadêmica: As Contribuições Da Iniciação Científica Para O Desenvolvimento Pessoal E Profissional De Estudantes Da Área De Administração **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 301, 2016.

ROESCH, Sylvia. Maria. Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SAMPAIO, Helena. **Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990)**. Documento de Trabalho 8/91. Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 1991.

SAMPAIO, R.F. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTOS, Cassius Klay Silva; LEAL, Edvalda Araújo. A iniciação científica na formação dos graduandos em ciências contábeis: um estudo em uma instituição pública do triângulo mineiro. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 11, n. 22, p. 25-48, 2014.

Senado Federal. **Atividade Legislativa**. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_207_.asp. Acesso em: 09 fev. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

TEIXEIRA, Anísio. A universidade de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1977.

TEIXEIRA, Enise Barth.; VITCEL, Marlise. Sozio.; LAMPERT, Amau. L. Iniciação Científica: Desenvolvendo Competências e Habilidades na Formação do Administrador. **Revista de Estudos de Administração**. Editora Unijuí, n.16, p. 115-144, jan./jun. 2008.

TEIXEIRA, Enise Barth; VITCEL, Marlise Sozio; LAMPERT, Amauri Luis. **Iniciação Científica**: Desenvolvendo Competências e Habilidades na Formação do Administrador. In: XXXI Encontro da ANPAD. 2007. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A1930.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

UDESC. **Apresentação**. Disponível em: <https://www.udesc.br/sobre>. Acesso em: 16 dez. 2018.

UDESC. **Novo Folder**. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/4756/NOVO_FOLDER_UDESC_15052467813135_4756.pdf. Acesso em: 01 out. 2018.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação** – 1998. (Conferência Mundial sobre Educação Superior - UNESCO, Paris, 9 de outubro de 1998). Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educacao/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>. Acesso em: 01 jan. 2019.

Universidade e pesquisa: espaços de produção do conhecimento. Org. Maria Estela Dal Pai Franco; Solange Maria Longhi; Maria da Graça Ramos. Pelotas: UFPel, 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos De Pesquisa Em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos De Coleta De Dados No Campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

APÊNDICE A - Instrumento de coleta de dados: roteiro do grupo focal

GATILHOS ADOTADOS NO GRUPO FOCAL

1-Sobre sua trajetória acadêmica, (está cursando com êxito as disciplinas, está participando de eventos científicos, escrevendo artigos com o professor orientador e colegas). Gosta de Publicar/publicação?

2 - Em que está trabalhando (trabalho formal) e quais são as pretensões profissionais para o futuro.

Sobre sua experiência como bolsista IC

3 -De onde surgiu o interesse pela IC

4 - Como a bolsa recebida interfere na manutenção na universidade?

5 - De que forma a atividade como bolsista tem contribuído para a sua vida acadêmica

6 - De que forma a atividade como bolsista tem contribuído para a sua vida profissional

7 - Como você avalia a atividade de IC instituição?

8 - Quais são os principais desafios/facilidades enfrentados pelo bolsista IC?

APÊNDICE B - Questionário com relação ao perfil dos participantes de iniciação científica aplicado aos estudantes da graduação

1. Nome _____
2. Gênero _____
3. Cidade de origem _____
4. Turno que cursa a graduação _____
5. Idade _____
6. Idade ao ingressar em projetos de iniciação científica _____
7. Período que cursa: _____
8. Período da graduação em que estava quando iniciou a iniciação científica? _____
9. Tempo de bolsista _____
10. Foi bolsista voluntário? Se SIM, quanto tempo? _____
11. Contava com experiência profissional anterior (estágio ou trabalho)? Qual? _____
12. Tem alguma atividade paralela a iniciação científica? Qual? _____
13. Já cursou outra graduação? _____
14. Qual o tema do seu projeto de pesquisa (ou sua atuação profissional atual – para ex. bolsistas) _____
15. Você recebeu convite do professor(a) para participar da iniciação científica? _____
16. Número de publicações a partir do desenvolvimento da IC:
 - a. Eventos (congressos, simpósios, seminários...) _____
 - b. Revistas _____
 - c. Resumos _____
17. Número de participações em eventos acadêmicos (ouvinte ou mesmo apresentador de trabalho) a partir do desenvolvimento da IC: _____
18. Houve participações em comissões organizadoras de eventos acadêmicos? _____
 Caso sim, comente: _____

APÊNDICE C - Questionário com relação ao perfil dos participantes de iniciação científica aplicado aos estudantes do mestrado

1. Nome _____
2. Gênero _____
3. Cidade de origem _____
4. Turno que cursa o mestrado _____
5. Idade _____
6. Idade que ingressou em projetos de iniciação científica _____
7. Semestre que está: _____
8. Período da graduação em que estava quando iniciou a iniciação científica? _____
9. Tempo que foi bolsista _____
10. Foi bolsista voluntário? Se SIM, quanto tempo? _____
11. Contava com experiência profissional anterior (estágio ou trabalho)? Qual? _____
12. Teve alguma atividade paralela a iniciação científica? Qual? _____
13. Qual sua graduação? _____
14. Qual foi o tema do seu projeto de pesquisa (ou sua atuação profissional atual – para ex. bolsistas) _____
15. Você recebeu convite do professor (a) para participar da iniciação científica? _____
16. Número de publicações a partir do desenvolvimento da IC:
 - a) Eventos (congressos, simpósios, seminários...) _____
 - b) Revistas _____
 - c) Resumos _____
17. Número de participações em eventos acadêmicos (ouvinte ou mesmo apresentador de trabalho) a partir do desenvolvimento da IC: _____
18. Houve participações em comissões organizadoras de eventos acadêmicos? _____
 ___ Caso sim,
 comente: _____
19. A IC desenvolvida na graduação está te ajudando no mestrado? Se SIM, em que aspecto?

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e outra é do pesquisador.

Título da pesquisa: **Contribuições Da Bolsa Remunerada Na Formação Acadêmica e Profissional De Bolsistas De Iniciação Científica: um estudo na UDESC Oeste**

Pesquisador responsável: Mateus Piloni

Telefone para contato: **(54) 99691 9028**

O Objetivo desta pesquisa é Analisar de que forma a iniciação científica (IC) remunerada tem contribuído na formação acadêmica e profissional de bolsistas do curso de zootecnia da UDESC Oeste. A sua participação na pesquisa consiste em **dialogar sobre as bolsas de iniciação científica, que será gravada**, e será realizada pelo próprio pesquisador, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o pesquisado. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto, e para a composição do relatório de pesquisa, resguardando sempre sua identidade. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelo telefone acima citado.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DE PESQUISA

Eu, _____, RG: _____

CPF: _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e, os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____ Data ____ / ____ / ____.

Assinatura do sujeito de pesquisa:

APÊNDICE E - Roteiro de observação participante

- Desenvolvimento de estágio no Departamento de Direção de Pesquisa e Pós-graduação da UDESC Oeste.
- Acesso aos sujeitos da pesquisa via;
 - a. Departamento de pesquisa e;
 - b. Cadastro dos bolsistas nos programas da instituição;
 - c. Controle de frequência da participação do bolsista nos projetos de pesquisa referente à IC;
 - d. Entrega de documentos para o bolsista concorrer aos editais de participação em eventos (Edital Apoio Discente);
 - e. Banco de dados (nome, idade, fase no curso, participação em projetos de pesquisa, dentre outros);
 - f. Conversas informais com professores coordenadores da IC;
 - g. Eventos (SEPE) ligados a IC, promovidos pela UDESC;
 - h. Encontros informais ocorridos nos corredores, com os estudantes.